PUC RIO

NEIDE CORDEIRO DE MAGALHÃES

A RE-SIGNIFICAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA "UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO JOVEM NA SOCIEDADE URBANA"

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

MARÇO, 1987

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
http://www.puc-rio.br

N.Chamada: 150 / M188 /TESE UC
Título: A re-significação na adolescencia : um e
Ex: 1-CENTRAL
2362

NEIDE CORDEIRO DE MAGALHÃES

A RE-SIGNIFICAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

"UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO JOVEM NA SOCIEDADE URBANA"

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica

Orientadora: Maria Helena Novaes Mira

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFICIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

MARÇO DE 1987

BB_42809-2

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
BIBLIOTECA
DO RIO DE JANEIRO
699
04/02/91
108118

150
M188
TESE UC

À Clarissa, minha filha querida, que soube compreender a minha ausência.

AGRADECIMENTOS

- A Margarida, minha mãe, sem a qual este trabalho não seria possível.
- Ao Maurício, meu marido, pelo apoio recebido.
- A Maria Helena, prima querida, obrigada.
- A Lydia e Marcelino, pelo incentivo.
- A Monique Augras, pela orientação teórica, que me ajudou a construir este trabalho.
- A Sandra Azeredo, que me socorreu na difícil hora da redação do texto.
- A Maria Helena Novaes, pela orientação.
- Aos jovens que comigo participaram da pesquisa.
- A PUC, pelo respaldo acadêmico.
- Ao CNPq, pela ajuda financeira.
- Ao Jacques, pela datilografia.
- A todas as outras pessoas que direta ou indiretamente contribuiram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este estudo procurou apreender a adolescência enquanto um período de interstício social, ao descrevê-la como um período inter-limites. O espaço intersticial da adolescência, situado nas linhas fronteiriças da transição infância-vida adulta, é o espaço da desordem, da anomia onde uma pluralidade de sentimentos contraditórios permitem entrever como a realidade interna e externa dos jovens se encontra carente de ordem.

O período intersticial da adolescência estudado a partir da perspectiva histórica da psicologia da cultura, mostra como a adolesência passou a ser fortemente marcada e assinalada por situações singulares, nos segmentos de classe média da moderna sociedade urbana, a partir das transformações sociais e das mudanças de valores que a industrialização e o avanço tecnológico provocaram.

Assim sendo este trabalho teve como objetivo discutir o valor heurístico que o termo adolescência comporta e analisar em que medida a adolescência corresponde ao que é vivido, no cotidiano, por moças e rapazes em segmentos de classe média. A pesquisa empreendida nos locais de encontros dos jovens, nos espaços abertos de manifestações da adolescência, mostra como as ritualizações do corpo, gestos e expressões são usadas como formas capazes de atualizar as experiências dos jovens, na construção de um significado para suas próprias existências.

ABSTRACT

This work has tried to approach adolescence as social interstice period, describing it as a inter limits phase. The youth interstitial space situated on the frontier of transition between childhood and adult life, is the space of disorder, of anomy where a plurality of contradictory feelings allow the observer to catch sight of the inner and outer reality of the youth who have found themselves suffering from a lack of order.

The interstitial period of adolescence, studied from the historical perspective of the culture psycology, has showed how youth has come to be marked out and caracterised in its unique situations among the middle class segments of modern urban society, with the start of social transformations and with the value changes that industrialization and thecnological progress have provoked.

Therefore this work has had as its objective to discuss the heuristic value that the term "adolescence" takes on and to analyze the way in which adolescence coincides with the daily living of boys and girls from the middle class segments of society. The research, undertaken in the meeting places of youth, in the open spaces of adolescent manifestation, has shown that the body ritualizations, gestures and expressions are used as suitable forms of acting out the experiences of young people, in the building up of a meaning for their own existence.

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO. 1

II - ADOLESCÊNCIA FENÔMENO UNIVERSAL *versus* FENÔMENO HISTÓRICO TEMPORAL. 6A

2.1 - A Fase dos Estudos Científicos. 11

2.2 - Continuidade e Descontinuidade na Adolescia 20

2.3 - A Psicologia da Cultura e a Dimensão Histórica da Adolescência. 25

2.4 - Adolescência um período intersticial. . . 33

2.5 - A Identidade Social, na adolescência. . . 44

III - A ADOLESCÊNCIA EM SOCIEDADE URBANA. 51

3.1 - Do tradicional ao moderno 57

3.2 - Condições e contradições da vida na cidade de Juiz de Fora. 67

IV - A RITUALIZAÇÃO DO CORPO NA ADOLESCÊNCIA 75

4.1 - O espaço da ritualização na adolescência 75

4.2 - A função do corpo na ritualização. . . . 80

4.3 - A adolescência e a cultura da Aparência. 86

V - O TRABALHO DE CAMPO. 94

5.1 - O método de pesquisa - A observação participante. 97

5.2 - Considerações sobre o universo pesquisado 99

5.2.1 - Os locais de encontro. 102

5.2.2 - Os jovens dos locais de encontro. . . . 105

5.3 - Discussão e análise dos dados. 108

CONCLUSÕES. 125

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS. 130

I - INTRODUÇÃO

Este trabalho procura discutir a adolescência, ressaltando-a como um *período intersticial* da sociedade moderna. Ao analisá-la como uma categoria de caráter ambíguo, percebe-se que ela foi construída para mediatizar a passagem da vida infantil para a vida adulta. Seus conceitos embora universalmente utilizados, são formados por categorias simbólicas específicas de segmentos de classe média.

Nota-se que é precisamente nos segmentos de classe média que a infância é bastante estimulada e acelerada, enquanto a vida adulta é quase sempre adiada. Ao não ser mais criança o jovem não é reconhecido como adulto. A escolaridade prolongada, o vestibular e a carreira de nível superior representam alguns dos argumentos da dependência econômica aos pais, por um longo período de tempo.

A adolescência torna-se assim, o espaço da transitoriedade, ou melhor dizendo, um *período intersticial*. É neste interstício que o jovem vive todas as contradições da sociedade e, é também nele, que o jovem pode perceber sua realidade objetiva e subjetiva carente de ordem. Este é o tempo e o lugar de muitos equívocos, mas é também, o tempo em que se vive intensamente o presente, tempo onde a adolescência se manifesta e é construída.

Desta maneira viver a adolescência é viver um período de interstício social por excelência. Dada a complexidade do mundo social em nossa cultura, o jovem se encontra, neste período à margem da vida da sociedade. Estar à margem da vi

da é ser lançado ao caos, à desordem e a anomia, onde as forças ambíguas, anômalas e estranhas tentam romper com as categorias *nômicas* estabelecidas pela cultura. Este é o espaço vivido nas situações marginais, tal como acontece na adolescência. Vive-se no interstício.

O período intersticial tal como aqui é pensado e designado como desordem, tem a intenção de refletir sobre as linhas fronteiriças da transição - infância, puberdade e adolescência. Este período passou a ser fortemente marcado e assinalado por situações singulares, nos segmentos de classe média da sociedade brasileira.

Em contraposição, jovens de classe operária e/ou de baixa renda se acham, desde cedo, engajados em algum tipo de trabalho capaz de sustentá-los. Em alguns casos propiciam, até mesmo, o sustento de suas famílias. Para estes jovens os fenômenos da adolescência passam, quase sempre, desapercebidos.

Deste modo, mesmo que a adolescência seja vivida como um período de crise e conflito, não se pode considerar, as transformações biológicas, que acontecem na puberdade, como responsáveis pelas mudanças de comportamentos que muitos jovens apresentam neste período.

E, quando se observa as expressões do cotidiano vivido pelo jovem, dada a longa duração que se convencionou dar à adolescência, que se pode entender como a complexidade do mundo social em nossa cultura, afeta a vida psíquica do jovem. Pois, a fonte de todo significado que orienta a vida psíquica do sujeito, advém da própria sociedade.

O significado que o jovem procura, pode ser percebido nos atos e expressões de sua vida cotidiana. São atos e expressões, que evidenciam uma duplicidade, ou melhor dizendo, uma estranheza. Esta duplicidade, vivida entre a dualidade do ser social e do ser individual, faz parte do confronto que o sujeito realiza consigo mesmo em todos os momentos críticos de sua existência.

Na adolescência a duplicidade tem a haver com a busca de um significado, visto que ela resulta da dupla relação que o jovem precisa fazer com o mundo. A primeira refere-se ao seu mundo psíquico, individual e muitas vezes, carente de ordem. A segunda refere-se àquela construída a partir do mundo social. Da relação com o outro, que o constitui como sujeito e lhe confere uma identidade.

É, portanto, no espaço intersticial da adolescência, que a duplicidade é vivida com toda intensidade. Bem lá no confronto com os limites que ela desperta. No lançar-se ou duplicar-se no interstício que separa a vida infantil da vida adulta. Assiste-se neste período o afastamento de uma ordem conhecida, familiar; onde a significação do sujeito se liga à infância e às relações parentais e, um lançar-se em um tempo e espaço ainda obscuro, onde o jovem busca um significado para a sua existência.

O objetivo desta pesquisa é o estudo da adolescência como um *período intersticial*, assim sendo torna-se necessário avaliar, criticamente, os efeitos deste período de vida em sociedades complexas, como a sociedade brasileira, dentro de um enfoque psicológico mais abrangente. O que se pretente com es

ta pesquisa é ir além de uma visão compartimentada ou fragmentada sobre a adolescência. Não se atendo a dados quantificáveis e objetivados, que são incapazes de analisá-la enquanto um fenômeno particular, dentro de uma dimensão histórica e concreta. É, portanto, necessário investigar as significações psicológicas e antropológicas que expressam a singularidade subjetiva das experiências vividas pelos jovens, dos segmentos de classe média, neste período intersticial.

A psicologia da cultura propõe para estas questões soluções mais relativizantes, porque ela introduz a dimensão histórica no estudo dos processos psíquicos e também, propicia uma reflexão crítica sobre os vários aspectos teóricos da adolescência.

A partir da perspectiva relativizante da psicologia da cultura, a adolescência pode ser analisada enquanto uma categoria historicamente construída. A dimensão histórica permite, relativizar questões polêmicas sobre a adolescência, como a universalização de seus conceitos e pressupostos.

Para uma avaliação crítica dos efeitos desta idade da vida em sociedades complexas, como a nossa, é necessário o uso de uma metodologia que garante um acesso mais objetivo à realidade observada. Além de ser necessário relativizar todo conhecimento advindo da observação, onde observador e observado possam construir juntos um significado. A psicologia da cultura possibilita o uso do método da observação participante, além de estar alicerçada sobre suportes enriquecedores como a antropologia e a fenomenologia.

Enquanto a antropologia é capaz de fornecer pistas

que tornam possíveis perceber como diferentes sistemas simbólicos atuam, tanto no sentido sincrônico quanto diacrônico na mesma cultura; a fenomenologia permite conjugar a objetividade e a subjetividade, possibilitando sentir a realidade do outro, no encontro da intersubjetividade.

Significado algum pode ser construído senão pelo encontro. Dado ao caráter dialético que todo significado comporta, ele só pode ser produzido pelo resultado interativo do sujeito com sua cultura. Não em qualquer cultura, mas na sua cultura particular, visto que o sujeito se atualiza em sua própria cultura. Neste sentido toda sociedade humana é um trabalho de construção do mundo.

Com o auxílio dessa metodologia esta pesquisa procura levantar questões que permitam refletir sobre a adolescência como uma construção imaginária da sociedade moderna. Ao estudar as manifestações da adolescência, no espaço urbano da cidade; ou mais precisamente, nos locais de encontro do jovem, esta pesquisa pretende apreender como o jovem vive as contradições de uma sociedade moderna e complexa e, como através dela, elabora sua própria identidade.

A observação participante, utilizada neste trabalho, tem por objetivo possibilitar a aproximação com o universo de significados que regem os códigos simbólicos do jovem. Ao mesmo tempo que procura ressaltar se nesses locais de encontro o jovem reproduz expressões semelhantes aos sistemas de valores de sua própria realidade cotidiana.

Já que o interesse específico desta pesquisa é ressaltar a adolescência como um período de interstício social,

descaracterizando-a como um período de conflitos individuais, é fundamental que ela seja investigada no espaço aberto de suas manifestações. Como os locais de encontro do jovem.[1] São neles que o jovem vive intensamente o presente de sua existência. São neles que ele tenta assimilar sua própria realidade, para assim construir o significado de sua existência.

---

(1) Os nomes dos jovens (moças e rapazes) que participaram da presente pesquisa e que aparecem no texto, são nomes fictícios, não-identificações, que visam proteger suas verdadeiras identificações.

II - ADOLESCÊNCIA FENÔMENO UNIVERSAL *versus* FENÔMENO HISTÓRICO TEMPORAL

A polêmica que se encontra nos trabalhos sobre a adolescência gira em torno de dois eixos principais. O primeiro deles se refere as teorias que estudam a adolescência enquanto um fenômeno universal. O outro eixo é o das teorias que a identificam enquanto um fenômeno histórico-temporal.

Chamo teorias que tomam a adolescência como fenômeno universal ou teorias universalistas, aquelas que tratam a adolescência como *estágio* do desenvolvimento humano e que priorizam os fatores intrapsíquicos - como um sistema complexo de energia que se mantém por meio de intercâmbio com o mundo exterior, com a finalidade de possibilitar o progresso evolutivo, sendo a evolução um processo geneticamente determinado.

Nessa abordagem, as diferenças existentes entre pessoas, são consideradas "diferenças individuais". Assim sendo, uns são mais bem equipados que outros. Quanto as diferenças encontradas entre várias culturas,são consideradas "diferenças de estágios." De acordo com este eixo de estudo as culturas tradicionais estão em um estágio mais primitivo em oposição as sociedades modernas mais desenvolvidas. Muitas teorias psicológicas tradicionais, que serão discutidas mais adiante, tratam a adolescência dentro desse enfoque universalizante.

Considero teorias que tratam a adolescência enquanto fenômeno histórico-temporal as que descrevem como se estrutura a *passagem de tempo* da infância para a vida adulta. Estas teorias são, em geral, baseadas em estudos antropológicos e

sociológicos. Elas observam as diferenças existentes nos processos socializatórios entre as várias culturas, como fator fundamental na aquisição da identidade social do sujeito.

A questão que se coloca para estas teorias,destacadas neste capítulo, é o fato de existir ou não "crise" e/ou "conflito", na idade de vida que comumente é designada por adolescência. Assim, estas teorias percebem que as sociedades tradicionais são mais homogêneas, no que se refere as estruturas sociais e ao condicionamento cultural de seus membros. Razão porque, nelas, a socialização é um processo mais contínuo não ocorrendo, pois, tantos conflitos. Enquanto, nas sociedades modernas as estruturas sociais são mais heterogêneas possibilitando um processo de socialização descontínuo, mais sujeito à crise.

Existem razões suficientes para se levantar uma série de dúvidas quanto ao valor heurístico de se designar por "adolescência" um período de vida dos jovens. Trata-se assim de uma discussão básica, visto que o objetivo deste trabalho é a pesquisa empírica empreendida com moças e rapazes, na faixa etária de 14 à 18 anos, de um segmento de classe média, cuja descrição far-se-á, mais adiante.

Antes são revistas e questionadas algumas teorias que tomam a adolescência em um dos dois eixos descritos, de reflexão e, outras que tentam combinar ambos; procurando mostrar como seus conceitos e pressupostos descrevem o termo "adolescência".

Na seleção das teorias aqui abordadas evidencio, apenas, alguns estudos que, a meu ver, contém elementos polêmicos ou contraversos sobre a "adolescência", face a existência de uma

enorme bibliografia onde é apresentada sobre os mais diferentes ângulos. A diversidade de assuntos sobre a adolescência, que estes estudos contêm dada a complexidade que o tema comporta acabam se tornando sucessivas repetições em um "remake" sem originalidade ou apenas acrescentando alguns pontos diferentes.

O que não se pode esquecer é que as novas descobertas científicas e o avanço da tecnologia alteraram bastante a percepção do mundo e os conceitos sobre o cosmos. Realidades que antes delimitavam nossas ações estão cada vez mais afastadas, enquanto outras com as quais nem sonhávamos, hoje são possíveis, segundo categorias absolutamente novas de espaço e tempo.

Sobre esta ótica inicio esta discussão pela própria etimologia da palavra adolescência. Ela é uma derivação do verbo latino "adolescere" (ad= para + olescere = crescer),=crescer para. De acordo com a sua etimologia, adolescência significa crescimento.

Muuss (1976) acrescenta ao vocábulo "crescimento até a maturidade". Em sua origem etimológica adolescência não determina um período de vida. Não possui um conteúdo específico e mas uma forma genérica de *crescimento*.

Hollanda (1974) em seu dicionário já a registra como um período de vida: - "adolescência período de vida do homem, entre a puberdade e a virilidade, indo dos 14 aos 25 anos" (1974: 28)". Aqui aparece a puberdade, sendo usada para marcar o início da adolescência,

enquanto a virilidade ou maturidade indica o seu final.[1] Outro fato a ser considerado é o espaço de tempo prolongado que o sujeito, na opinião do autor, levaria para atingir a sua maturidade.

Outra característica surge no dicionário de psicologia de Piéron (1979): - "Adolescência é o período do desenvolvimento humano, correspondente à fase de maturação sexual e que assim conduz ao estado adulto" (1979: 9).

Vê-se que também aqui como em Hollanda o vocábulo é definido a partir de uma síntese de várias teorias sobre a adolescência. A maturação sexual e os seus contornos puberdade e maturidade marcam a adolescência como um período distinto de crescimento, ou de desenvolvimento humano.

Em sua teoria sobre a adolescência mesmo sem mencionar a maturação sexual, Horrocks (1955), observa-a como uma fase de crescimento e mudança.

> Adolescência é tanto um modo de vida quanto um segmento do desenvolvimento físico e psicológico do indivíduo. Ela representa um período de crescimento e mudança em quase todos os aspectos da vida física, mental, social e emocional da criança. É época de novas experiências, novos relacionamentos com adultos e companheiros (1955-218).

---

(1) Hollanda, usa o vocábulo virilidade para indicar o final da adolescência. Virilidade como ele próprio registra é um termo que se refere ao homem no período compreendido entre a juventude e a velhice quando este é pleno de vigor e energia. (1974:1270). Esta é uma característica marcante em dicionários e outros manuais, assim como também nos estudos sobre adolescência. Eles incluem a mulher na categoria genérica "homem" - não havendo distinção dos sexos.

O autor considera a adolescência como uma nova fase de crescimento, definindo-a como um crescimento que se segue ao crescimento da infância. Este crescimento, na opinião do autor, provoca mudanças, internas e externas significativas na vida do sujeito. Nesta linha de pensamento, a adolescência comporta uma variedade de aspectos gerais, com base em duas categorias semelhantes - "crescimento e mudança", que por serem também, categorias generalizantes, podem estar presentes em qualquer idade da vida do ser humano.

É através destes mesmos aspectos gerais que o conceito de adolescência passa a ser construído como um fenômeno universal.

Esta mesma linha ainda permanece, tal qual se pode observar nos estudos de Groisman (1984) que escreve:

> A adolescência caracteriza-se principalmente por um período turbulento. A emergência da sexualidade e a necessidade de definição da identidade social, sexual e profissional cria uma situação confusa para o adolescente, que perde os valores infantis antes de eleger novos valores. Além disso, percebe que pouco a pouco terá de abrir mão da proteção dos pais, da família e da escola. Novos amigos, novos grupos. Abrir caminho para o vestibular e a universidade. Tudo isto constitui um trabalho individual. Cada movimento em direção à maturidade e ao crescimento produz novas conquistas, mas também novos problemas (1984: 18).

O autor distingue a adolescência como um "período turbulento", que, para ele, tem as características de um sintoma da "natureza humana", devido a maturação sexual que se processa na puberdade em ambos os sexos. Mostra a "crise de identidade" como uma luta travada por adolescentes onde de um la

do, são colocadas as perdas de seus valores infantis e as da proteção de seus pais e, de outro, as forças sociais que terão de enfrentar para a conquista de sua maturidade.

Apesar de fazer uso de categorias modernizantes, em seu conceito sobre adolescência, Groisman sugere a mesma perspectiva generalizante que possuem as teorias evolucionistas, surgidas no início do século XX e que marcam a fase dos estudos científicos sobre a adolescência.

Como afirma Gallatin (1978) "a nossa mente do século XX parece muito preocupada com a adolescência" (1978: 2). Na expressão da autora a partir do século XX, época em que surgem realmente, inúmeros trabalhos de caráter científico sobre o tema, que eram em geral, pesquisas normativas sobre os efeitos das transformações físico-biológicas ocorridas neste período. São trabalhos que aparecem não só no campo da psicologia e da psicanálise, como também, no campo da antropologia cultural. Analisando a recorrência destes, Gallatin (1978) alega que o estudo da adolescência ficou por longo tempo negligenciado, por causa das pesquisas sobre a infância que, também, surgiram em grande parte, na mesma ocasião, visto que muitos autores consideravam os "anos formativos" da infância como o período mais crítico do desenvolvimento humano.

2.1 - A Fase dos Estudos Científicos

Os estudos científicos referentes às idades da infância e da juventude datam do século XVIII. O "interesse pela posição, a essência e as maneiras de ser do homem estendeu-se gra

dativamente à infância e juventude" (Flitner 1968: 37).

O desenvolvimento de várias disciplinas científicas no século XVIII, possibilitou o crescente interesse de pesquisas empíricas sobre a infância e a juventude. Os processos mentais e o comportamento humano passaram a ser não só temas literários, mas também temas da filosofia, biologia, pedagogia e da sociologia da época.

Emile, de Rousseau, publicado em (1762) aparece como uma obra educativa onde o autor discute métodos e técnicas para a educação das crianças e dos jovens. É também um programa de pesquisas para a infância e juventude. Como observa Flitner (1968) -

> Em *Emile* o período de maturação não é tratado como fase isolada, mas considerado através de descrições minuciosas no contexto de toda a obra. A partir de Rousseau não só se torna necessário compreender a revalorização do período infanto-juvenil na literatura romântica, nas numerosas estórias educativas, mas também a abundância de literatura científica descritiva e observadora, característica do último terço do século XVIII (1968: 39).

Percebe-se que a adolescência não é ainda uma área de pesquisa distinta da infância. O período de maturação só é mencionado nos trabalhos científicos para designar métodos pedagógicos ou formação social e moral específicas.

Outros estudos do século XIX, eram de natureza especulativa sobre a infância e juventude. A maior parte das obras tinham um caráter educacional, já que o papel da criança e do

jovem na estrutura social era de pequena importância.

Pesquisas empíricas e experimentais no campo da Psicologia sobre adolescência só aparecem bem mais tarde no final do século XIX e início do século XX.

Foi Hall (1904), o primeiro psicólogo a propor o estudo da adolescência como um campo distinto do conhecimento científico. Ele formulou uma teoria evolucionista de recapitulação para explicar a adolescência. Para ele a puberdade marca o seu início aos 12, 13 anos indo até aos 22 ou 25 anos quando o sujeito atinge o estado adulto pleno. Considera que o desenvolvimento se processa por força dos fatores psicológicos que são geneticamente determinados, sendo que as forças internas direcionam o comportamento do sujeito. Descreve a adolescência como um período de "tensão e tempestade" e de recapitulação das fases do desenvolvimento infantil.

É na mesma época de Hall, que surgem os trabalhos sobre a sexualidade infantil de Freud (1905). Para ele a vida sexual tem início na infância e não na puberdade. A puberdade afirma Freud (1905):

> Se destina a dar à vida infantil sua forma final normal. O instinto sexual que fôra até então predominantemente auto-erótico; encontra um objeto sexual. Agora, contudo, aparece um novo objetivo sexual e todos os instintos parciais se combinam para atingí-lo, ao passo que as zonas erógenas ficam subordinadas ao primado da zona genital. (1905: 213).

Na teoria evolucionista de Freud o desenvolvimento psi

cossexual é geneticamente determinado. Ele considera os cinco primeiros anos de vida do ser humano como os mais importantes no desenvolvimento da sua estrutura psicossexual. A puberdade corresponde à fase final deste desenvolvimento, onde o objetivo sexual é alcançado com a maturação sexual ou primado da zona genital. Este é portanto, um fenômeno universal. Freud leva em consideração a estreita relação que existe entre as mudanças fisiológicas, os processos orgânicos e a mudança psicológica de auto-imagem, atribuindo aos fatores ambientais uma relativa independência.

Para ele o período da adolescência é bascante obscuro e é descrito como sendo uma retomada das fases anteriores mal elaboradas. Afirma que o ponto de partida do desenvolvimento psicossexual e o objetivo final do processo são claramente visíveis, entretanto, admite que: - "Os passos intermediários ainda são de muitas maneiras obscuros, como um enigma insolucionado. (1972: 214 [1905]).

Ao considerar a adolescência como um passo intermediário na evolução e consolidação do processo de maturação sexual, ela se torna um enígma a ser solucionado.

Assim a adolescência prossegue como um campo instigante de pesquisas científicas, tendo nas transformações fisiológicas da puberdade, seu ponto de partida, persistindo com isso as características de universalização de seu processo.

Em seu trabalho sobre os mecanismos de defesa do Eu Ana Freud (1948) atribui grande ênfase à adolescência. Permanece, contudo, o mesmo sentido universalizante. Acentua a importân

cia do processo fisiológico da maturação sexual, com o desenvolvimento dos órgãos sexuais na puberdade e o aumento perturbador da influência libidinal sobre a esfera psicológica. Registra que nesta fase inicial - o equilíbrio é rompido pelo redespertar das forças libidinais e o aparecimento dos conflitos internos.

Ela argumenta que um segundo complexo de Édipo ocorria, provocando medo e ansiedade nos adolescentes. Descreve a recapitulação na adolescência pelo conflito entre as instâncias do aparelho psíquico e os mecanismos de defesa do ego utilizados para controlar os impulsos desorganizadores do id.

Com o desenvolvimento das teorias psicanalíticas, a adolescência aparece como um período de "crise", "crise normativa" ou "crise de identidade". Muitos dos autores psicanalíticos procuram integrar os fatores biogenéticos e as "forças ambientais", mais prosseguem ressaltando-a como um fenômeno universal.

A exemplo de Rank (1945) que parte do pressuposto do estudo da adolescência como um período de necessidade de independência onde a "vontade" ativa o Eu e modifica o ambiente. Para ele este é o período onde ocorre o desenvolvimento mais importante da personalidade - que é a oposição à dependência dos fatores externos e a luta pela conquista da independência. Classifica a maturação sexual da puberdade como algo que ameaça a independência que o sujeito adquire nesta fase. Ele admite também a existência de três estágios do desenvolvimento da personalidade na adolescência. O primeiro estágio é o que possibilita

libertar a vontade das forças internas e externas que a dominam. O segundo é quando se dá a divisão da personalidade na luta entre - independência (vontade) e dependência (contra-vontade), onde o sentimento de culpa gera o conflito havendo possibilidades tanto neuróticas (regressivas) quanto criativas (progressivas). O terceiro estágio é o da integração da vontade contra-vontade, como sendo a formação ideal da personalidade, quando o sujeito não se acha mais em conflito e vence a compulsão pela liberdade.

Para Rank, a adolescência é caracterizada por conflitos intrapsíquicos geradores de culpa, devido a oposição à dependência de fatores ambientais externos das normas e valores adquiridos desde a infância, e a perturbação causada pela pressão dos instintos internos face a maturação sexual. Estes conflitos, conclui o autor, precisam ser vencidos para que o sujeito alcance a sua independência.

Outros autores psicanalíticos, de origem argentina, trouxeram bastante contribuição ao estudo da adolescência. Entre eles: - Blos (1969); Aberastury, Knobel (1974); Grinberg (1976); Kalina (1979) e Kusnetzoff (1980). Seus estudos são baseados na teoria psicanalítica do desenvolvimento infantil e do adulto, em conjunto com as suas observações desenvolvidas na prática analítica com adolescentes.

A maioria destes autores analisam a "crise de identidade," a "elaboração de lutos e o conflito de gerações," como dificuldades intrapsíquicas. Mas já começam a observar que as descontinuidades socializatórias das sociedades modernas contribuem para as mudanças de comportamentos dos jovens

neste período.[2]

Ao mesmo tempo, formulam uma teoria psicanalítica sobre a adolescência já que Freud, como afirma Blos (1969), negligenciou este período considerando-o de intermediário e "obscuro".

Kusnetzoff (1980), além de observar a mesma negligência, ao analisar o início de seu trabalho em 1976, com "adolescentes," vai mais além, quando comenta:

> Quando comecei a trabalhar com adolescentes não tínhamos ferramentas. Consultei colegas e mestres; ou tínhamos ferramentas para crianças ou ferramentas para adultos. Não possuíamos trajes sob medida. Em geral fazíamos "roupas prontas". Decidi-me a escutar, não com o segundo ouvido, mas com o primeiro. Valorizar o manifesto sem descuidar, é claro, da trama inconsciente. Romper ataduras conceptuais e técnicas e dialogar simplesmente (1980: 13)

"As roupas prontas" que não se ajustam, mostram não só a negligência de pesquisas sobre a adolescência, mas também, negligências ainda maiores; que fazem com que o autor abandone técnicas e conceitos universais e se disponha a ouvir e dialogar, tentando apreender o fenômeno para o qual não se tinha "ferramentas."

Nos trabalhos de Erickson (1976) e Sullivan (1974) a adolescência já aparece nitidamente como um fenômeno histórico

---

(2) Descontinuidade socializatória - é um termo proposto por Nicolaci-da-Costa, para designar a internalização pelo sujeito de sistemas simbólicos conflitantes em diferentes momentos de sua biografia; (1985: 150).

-temporal. Estes dois autores enfatizam as descontinuidades do meio social, em suas teorias sobre adolescência, sem contudo, qualificá-la enquanto um fenômeno social e particular das complexas sociedades modernas.(3)

A adolescência para estes autores está ligada a um período de "crise normativa," onde fatores ambientais abrangendo - o lar, a escola e toda a estrutura da cultura, devido a processos descontínuos de socialização, propiciam uma fase de conflitos para o (a) adolescente.

Em Erickson, a existência do conflito é uma característica normal na adolescência. Ele pode ser resolvido, nessa fase , de modo satisfatório. O tempo que se dá à adolescência é destinado à resolução de seus conflitos e a aquisição da "identidade do ego." A adolescência é para Erickson, a fase decisiva do desenvolvimento da personalidade. Caracteriza o período inicial dela pela "confusão de identidade", onde os mecanismos de introjeção e de identificações psicossociais fazem parte do processo de formação da identidade do (a) adolescente.

Assim a identidade é construída no esforço, face às descontinuidades de socialização do sujeito, de combinar esperiências integrativas sucessivas, em um conjunto de valores capaz de atender a um ajustamento psicossocial, coeso o bastante para adaptá-los, aos valores normativos de sua cultura.

Sullivan, por sua vez, observa o campo social e as instituições sociais, em seu estudo sobre a adolescência, de grande importância para a consolidação de um "auto-sistema" regulador das "situações interpessoais" através do equilíbrio en

(3) A este respeito veja-se o trabalho de Saggesse(1983).

tre os estados de tensão/ansiedade e euforia.

Para este autor, a adolescência é um modelo dinâmico de interação interpessoal. Ocorrem nesta fase, necessidades interpessoais básicas, tais como: - segurança, gratificação sexual e intimidade. Cada uma delas está ligada as experiências sociais do sujeito ao longo de sua história de vida. Argumenta que o sujeito desenvolve desde a infância interações interpessoais - expressa nas necessidades de aprovação e afeto da criança para com o adulto significativo, e culmina com o final da adolescência, quando a necessidade de intimidade se caracteriza pelo relacionamento amoroso com um membro do outro sexo. As dificuldades deste período são percebidas pelos estados de ansiedade e euforia e a tentativa do sujeito de equilibrar as suas polaridades.

O ponto central de interesse de Erickson e Sullivan, em seus estudos, é o processo de aquisição da "identidade do "ego" na adolescência. Nenhum deles nega a contribuição dos fatores hereditários e biológicos no desenvolvimento do sujeito, mas não aceitam a primazia dos instintos (Libido) como determinantes intrapsíquicos desta fase.

Por outro lado, abordam a adolescência como um fenômeno histórico-temporal no que concerne a influência dos fatores culturais e das interações sociais e ideológicas no processo de socialização do sujeito. As descontinuidades socializatórias são percebidas por estes autores, como algo que impede o sujeito de aceitar a ideologia dos valores sociais dominantes e a sua incapacidade em transformá-los em valores próprios. A "crise de identidade" (Erickson) e as oscilações entre "ten

são e euforia" (Sullivan) surgem, na adolescência, em conse qüência desta dificuldade.

2.2 - Continuidade e Descontinuidade na Adolescência

A posição adotada pelos autores argentinos assim como por Erickson e Sullivan, desenvolveu-se a partir do crescente interesse que os estudos da antropologia cultural despertaram, principalmente na abordagem de temas complexos, como a adolescência. Entre os principais aparecem os de: Margareth Mead(1919, 1936); Ruth Benedict (1954).

Nas sociedades tradicionais, objeto de estudos destas antropólogas, elas observam que a socialização do sujeito é construída em concordância com as particularidades existentes nestas culturas. A socialização é para os membros destas sociedades - um processo contínuo de aprendizagem gradativa onde - "a criança não aprende nada que tenha de desaprender quando adulta" (Benedict, 1954)".

Assim a socialização é um processo elaborado pela tradição oral e, transmitida pelos adultos ou por pessoas que, de acordo com o sistema de parentesco, específico, de cada uma destas culturas, estejam encarregadas da aprendizagem da criança.

Turner (1966) e Van Gennep (1908), revelam também a mesma preocupação, quando observam que - em todo processo de socialização, os ritos de passagem servem para marcar simbolicamente, as fronteiras que separam as diferentes idades da vi

da dos seus membros e de seus novos papéis sociais. Nas sociedades tradicionais descritas por eles, os ritos de iniciação ou os de puberdade são operações sociais utilizadas para promover a mudança do *status* da criança, da moça e do rapaz, ou de apenas um dos sexos, ha hierarquia de seus sistemas.

Estes ritos fazem parte do cotidiano dessas sociedades e estão, às vezes, associados a outros ritos que ocorram em determinadas épocas do ano, tais como os ritos de plantio ou colheita, dos ancestrais e outros. São assim, aceitos pela maioria de seus membros, sem que se configure as "crises ou conflitos" descritos em vários estudos sobre a adolescência.

Mead comenta a ausência de conflitos em Samoa quando observa:

> The abscence of any important institutionalised relationship to the community is perhaps the strongest cause for lack of conflict here (1928: 109).

A autora observa a falta de conflito em oposição ao que ocorre em sociedade moderna. A grosso modo, esta observação pode ser considerada em seu sentido sincrônico, mas a diferença que se observa no sentido diacrônico não se ajusta, visto que os dois tipos de sociedades estruturam suas instituições sociais diferentemente.Enquanto nas sociedades tradicionais as instituições sociais são mais hierarquizadas, nas sociedades modernas elas são fortemente marcadas por uma ideologia dominante, que orienta seus membros para uma visão de mundo individualista. Mas,o que muitos estudos não observam, é que em sociedades modernas complexas podem existir sincronicamente, os dois tipos de orientação.

A questão que se apresenta para os autores, que estudam a adolescência enquanto um fenômeno histórico-temporal, é a de que eles observam os efeitos da descontinuidade socializatória nas sociedades modernas, em contraposição aos processos mais contínuos existentes em sociedades tradicionais. Mas analisam estes efeitos, no mesmo campo da "cultura dominante ou da ideologia hegemônica" de suas sociedades. (Duarte, 1986: 119). Razão porque a descrevem como um período de crise, conflitos ou tensões, provocadas por descontinuidades que se interpõem na aquisição da "identidade" ou individualidade do (da) adolescente. O que a maioria destes autores não consideram é que as descontinuidades afetam, de modo diferente, os vários segmentos sociais nas culturas modernas.

Estes autores analisam a diferença do que acontece nas culturas mais homogêneas das sociedades tradicionais onde não se configura a "crise de identidade" visto que elas possuem códigos sociais bem demarcados. Estas culturas obedecem a padrões normotéticos na orientação de seus membros e são organizadas sobre o princípio da hierarquia. Partem da totalidade social para a demarcação das partes individuais, onde cada pessoa possui um papel definido no sistema hierárquico de suas instituições. (Velho, 1978), (Figueira, 1978 e Duarte 1985).

Em contraposição, nas sociedades modernas complexas, a pluralidade de sistemas simbólicos conflitantes, desorientam seus membros. Estes são, muitas vezes, "levados a adotarem padrões idiossincráticos em suas condutas" (Figueira 1978). As descontinuidades atribuídas ao período da adolescência e, que são vividas como "crise de identidade" ou "conflito", podem tam

bem estar presente, em outras fases da vida dos sujeitos. O que demonstra a perda das fronteiras simbólicas, com que outrora orientaram suas vidas.

Nicolaci-da-Costa (1985), a este respeito comenta que em todo processo de socialização, há, em potencial o problema da descontinuidade entre sistemas simbólicos internalizados em diferentes momentos da vida do sujeito. Ela observa que:

> Nas sociedades tradicionais - a questão da descontinuidade se coloca menos por duas razões - primeiramente, porque essas sociedades são mais homogêneas, menores, menos complexas e menos sujeitas a mudanças sociais aceleradas; e, em segundo lugar, porque essas sociedades contam com rituais e outros mecanismos de integração baseados por exemplo, nas relações de parentesco - que harmonizam domínios e experiências potencialmente discrepantes. Quanto mais a sociedade se complexifica (através da perda do poder integrador do dossel de símbolos, industrialização, distribuição social do conhecimento, quebra do poder integrador das relações de parentesco, etc), mais se pluraliza e portanto maior é a possibilidade de descontinuidade entre sistemas simbólicos (1985: 147-8).

A questão que se coloca no problema da descontinuidade, conforme a definição da autora, é a perda do poder integrador entre os sistemas simbólicos que o sujeito adquire em diferentes momentos de sua existência, através das socializações primária e secundária"[4]

(4) Berger e Luckmann (1978), utilizam o termo "socialização primária" - para designar a primeira socialização que o sujeito experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. A "socialização secundária" é qualquer processo subseqüente que introduz o sujeito já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade. É evidente que a socialização primária têm o valor mais importante para o sujeito e a estrutura básica de toda socialização secundária deve assemelhar-se à socialização primária. Petrópolis, Vozes (1978: 175).

A medida que a sociedade se complexifica a socialização primária e secundária perdem suas "semelhanças" e o sujeito se vê confrontado por sistemas simbólicos conflitantes, que o desorientam. Na maioria destas situações a descontinuidade socializatória é um processo "invisível", levando o sujeito a viver estes períodos como - "crise" ou "conflito."[5] Este tipo de descontinuidade se apresenta com freqüência, em vários segmentos de classes média, em sociedade complexas, como a nossa.

A adolescência tratada por qualquer dos dois eixos, isto é - tanto pelas teorias que a tomam como um fenômeno universal ou pelas que a identificam como um fenômeno histórico-temporal é percebida como "período de crise ou conflito". Contribuindo para as primeiras os fatores intrapsiquicos ou geneticamente determinados e para as segundas ás descontinuidades socializatórias.

Observa-se, contudo, que esses estudos não aprofundam suas teorias com a finalidade de analisr duas questões, a meu ver, fundamentais: - A primeira é a necessidade de se discutir qual o valor heurístico que o tema "adolescência" comporta, em sociedades modernas? - A segunda questão diz respeito a objetivação do termo adolescência, isto é - em que medida a "adoles

---

(5) O problema da descontinuidade socializatória a partir dos conceitos de socialização primária e secundária de Berger e Luckmann op. cit.; é debatido no trabalho de Nicolaci-da-Costa "Mal estar da família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos", in Cultura da Psicanálise, SP. Brasiliense, 1985: 147-168.

cência" corresponde ao que se observa no cotidiano vivido por jovens em segmentos de classes média?

2.3 - A Psicólogia da Cultura e a Dimensão Histórica da Adolescência.

A psicologia da cultura fornece para estas duas questões uma solução relativizante. Ao definir o campo de atuação desta , Augras (1985) comenta:

> a psicologia da cultura introduz a dimensão histórica no estudo dos processos psíquicos e propicia a reflexão crítica de vários aspectos teóricos, sendo que diversas categorias de análise que sempre foram consideradas óbvias realidades passam a ser questionada enquanto produtos históricos e culturais (1985: 100).

A adolescência, a meu ver, é uma destas categorias que precisa ser questionada enquanto um produto histórico e cultural. Isto é, qual o significado do conceito "adolescência" no contexto histórico e cultural em que se desenvolveu.

Nas teorias que denominei de universal, a adolescência é estudada a partir de uma concepção apriorística sendo tratada como um elemento da "natureza humana". Estas teorias em geral, comportam formulações de modelos e, tipificações do desenvolvimento humano. Umas priorizando os fatores intrapsíquicos, enquanto outras os fatores ambientais. Quando, abordada como um fenômeno histórico-temporal, montam seu arcabouço a partir das diferenças existentes na descontinuidade socializatória das sociedades complexas modernas *versus* a continuidade socializatória das sociedades tradicionais. Estas são idéias

PUC-RIO

difundidas e aceitas pela grande maioria da produção acadêmica.

A importância de se esclarecer em que contexto histórico e cultural se desenvolve uma categoria de análise, está em, justamente, poder-se analisar seus efeitos no campo das idéias, em oposição, ao que se observa na realidade empírica do sujeito. Pois como afirma Berger (1985), "toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo", e prossegue:

> A sociedade é um fenômeno dialético por ser um produto humano, que no entanto, retroage continuamente sobre o seu produtor. Toda biografia individual é um episódio dentro da história da sociedade, que a precede e lhe sobrevive. A sociedade existia antes que o indivíduo nascesse, e continuará a existir após a sua morte. Mas ainda é dentro da sociedade, como resultado de processos sociais, que o sujeito se torna uma pessoa, que ele atinge uma personalidade e se aferra a ela, e que ele leva adiante, os vários projetos que constituem a sua vida, (1985: 15).

Vê-se na citação de Berger que o sujeito se torna humano através de um processo dialético. Primeiro, ele percebe o mundo pela construção que outros fizeram dele e, segundo, faz deste mundo seu mundo, à medida que também o transforma. A história da sociedade é o *pano de fundo*, na qual as biografias individuais se desenrolam.

Ao questionar o conceito de adolescência através da dimensão histórica, o que se pretende é apontar para a historicidade dos fatos que desencadearam uma crescente preocupação com este período da vida humana. Como sugere Ariès, a adoles

cência é uma categoria instituída através da história da civilização. A revalorização das idades da vida e principalmente da juventude foi possibilitada por uma série de transformações sociais e econômicas que ocorreram na civilização a partir do século XVIII.

Em a "História social da criança e da família", Ariès (1981, mostra duas perspectivas importantes, para a reflexão feita neste trabalho. Ele apresenta a sociedade ocidental em dois tempos. Primeiro, em um tempo anterior aos fatos históricos que desencadearam as mudanças sociais e segundo o período posterior - quando ele aponta para as redefinições sociais resultantes das transformações porque passou a sociedade ocidental.

Em um primeiro momento ele começa observando, dentro de uma trajetória histórica - a sociabilidade existente nas sociedades *tradicionais* da Idade Média, onde a transmissão dos valores, dos conhecimentos e a socialização da criança não eram asseguradas nem controladas pela família. As trocas afetivas e as comunicações sociais eram realizadas fora da família, num "meio" denso composto por vizinhos, amos, criados, crianças maiores e os velhos. As famílias conjugais se diluiam neste meio. A ausência do sentimento de infância e de adolescência podia ser notado, segundo Ariès, pela forma como se concebia as idades da vida, e a importância destas nas antigas representações do mundo.

> Passados os cinco ou sete primeiros anos, a criança, se fundia sem transição com os adultos: esse sentimento de infância curta persistiu ainda por muito tempo nas classes populares (1981: 186).

A adolescência era, deste modo, confundida com a infância. Juventude significava força da idade, ou idade média. As palavras "fils, valets e garçõn", do idioma francês designavam as relações feudais ou senhoriais de dependência, podendo ser atribuídas, tanto ao jovem quanto à criança, sem distinção.

A mesma confusão persistiu com o aparecimento das escolas. Esta era um lugar para a aprendizagem destinadas inicialmente à instrução dos clérigos. Não havia preocupação em selecionar os alunos por grupos de idade ou classe. Misturava-se na mesma sala crianças, jovens e velhos diante de um professor e seu ajudante.

A segunda perspectiva apontada por Ariès é o novo lugar assumido pela criança e a família nas sociedades industriais. Ele observa, estudando a iconografia e a literatura clássica da época, que por volta do final do século XVII e início do século XVIII, começa a aparecer o sentimento de família moderna. A família se recolhe, longe da rua, da praça, da vida coletiva, para dentro da casa melhor preparada para a intimidade. A família passa a se organizar em torno da criança e do jovem.

A escolarização passa também a ser uma preocupação da família pela educação moral e social dos filhos. A classificação por idade ou estágios da vida, a escolarização da criança e do jovem em contraposição a aprendizagem da vida diretamente relacionada aos adultos, determinam uma quebra nos antigos códigos de sociabilidade, demarcando fronteiras entre a família e a comunidade.

O novo sentimento com a infância e a adolescência encontrou sua expressão máxima nos meios burgueses esclarecidos. Como mostra Ariès:

> Existe um notável sincronismo entre a classe de idade moderna e a classe social: ambas nasceram ao mesmo tempo, no fim do século XVIII, e no mesmo meio: a burguesia (1981: 194).

A burguesia se situa no prisma convergente do processo de mudanças que ocorreram lentamente ao longo dos séculos XVII e XVIII, na sociedade ocidental. Vários fatos históricos vieram contribuir para a ascensão social-econômica e política desta parcela da sociedade urbana, tais como - a revolução industrial, o período de reformas religiosas e políticas e as descobertas científicas. Estes e outros eventos desencadearam as novas formas de pensamento e construção das idéias sobre o sujeito na sociedade moderna.

A nuclearização da família e a escolarização intensa da juventude, como observa Ariès, são um mesmo fenômeno e, uma das faces do grande movimento de moralização da sociedade promovido pelos reformadores católicos e protestantes ligados à Igreja. O espaço social é redefinido pelo novo papel que se impõe à sexualidade, à família burguesa e a distinção da vida infanto-juvenil separadamente da dos adultos.

A família tornou-se um espaço privatizado ideal ao surgimento de uma afeição necessária entre os conjuges e entre pais e filhos. Esta afeição se exprimiu sobretudo através da importância que se passou a atribuir à nova moral sexual e

a educação das crianças e dos jovens.

A hipótese de Foucault (1985) sobre a repressão da sexualidade na sociedade burguesa expressa bem este novo sentimento de família com forte assento moralizante.

> A sexualidade é então cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro da casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo se cala. O casal legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo faz reinar a norma, (1985: 9).

Um nítido movimento privatizante pode ser encontrado na nova função que passou a ser dada à família. Ela torna-se a guardiã da moral, o lugar da procriação e da educação dos filhos. Não se permitia mais à criança, participar das brincadeiras sexuais com os adultos. A atitude diante da sexualidade e a própria sexualidade havia mudado. Como observa Ariès "estas variam de acordo com o meio e, por conseguinte, segundo às épocas e as mentalidades" (1981: 196).

Ao ser redefinido o sentimento de família pelo gosto da intimidade, os cuidados com a prole, redefine-se também o sistema das relações sociais. Este perde as feições da sociabilidade comumente encontrada na tradiconal sociedade que possuía no sistema de linhagem e no seu subsistema de vassalagem, seu ponto axial.

Do grupo social mais extenso por onde circulavam os valores morais da sociedade feudal, passa-se à intimidade do lar, à preocupação com à escolarização da criança e do jovem,am

pliando-se o período da infância e da adolescência, devido as melhores condições de vida que a sociedade burguesa proporcionava a suas famílias. Não possuindo linhagem, a burguesia capitalista encontra na nova concepção da família sua identidade social.

No século XIX a vida social já aparece polarizada em torno da família e da profissão desaparecendo a antiga sociabilidade. Entretanto os antigos gêneros de vida sobreviveram até os nossos dias nas classes populares, submetidas por menos tempo à ação da escola. Ariès, observa que a demanda da mão-de-obra infantil na industrial têxtil durante a primeira metade do século XIX, conservou a mesma característica da Idade Média, isto é, a precocidade da passagem para a idade adulta.

Esta é uma diferença que ainda permanece e que precisa ser levada em consideração, quando se analisa a complexidade da vida nas modernas sociedades.

Ao ser submetida a uma análise histórica a adolescência desponta como uma categoria construída a partir do desenvolvimento da sociedade urbana moderna. A socialização da criança pela família assim como a escolarização prolongada retiraram a criança e o jovem do convívio social mais extenso, provocando uma ruptura na sociabilidade encontrada na sociedade antiga.

Este deslocamento da família para a intimidade do lar, gerado pela ascensão do capitalismo burguês, produziu não só o isolamento da família contemporânea, mais também visões de mun

do e "*ethos*" contrastantes que se fragmentam e se diferenciam em esferas da vida social e cultural. A este respeito Velho, (1986) comenta:

> A cultura da burguesia foi capaz de, paralelamente, diferenciar domínios como a família e o trabalho mas, ao mesmo tempo reorganizar suas vinculações e organicidade em outros patamares e instâncias. O protestantismo, analisado por Weber foi uma das expressões dessa possibilidade. No entanto, há discrepâncias e descontinuidades. Contemporaneamente, desde o início do século XX, há claras demonstrações culturais e artísticas que trazem a marca da contradição, da fragmentação e de desintegração,(1986: 87).

A construção da realidade na sociedade moderna e complexa torna-se fragmentada a começar pela sociabilidade que, nas esferas sociais da classe média, perde sua característica intrínseca mais importante, isto é da associação. Esta é substituída por uma ideologia individualista de construção do mundo, provocando um hiato nas relações sociais mais extensas.

Em seu estudo sobre a divisão social do trabalho, Durkheim (1926), menciona o desaparecimento da solidariedade orgânica em decorrência da expansão da ideologia do individualismo. Contudo,ele observa que,para a existência da vida social é fundamental" que uma outra sociabilidade venha, pouco a pouco, substituir a que desaparece."

A ritualização do corpo, a cultura da aparência, o culto a juventude, nos segmentos de classe média da sociedade brasileira são mecanismos sociais contemporâneos que têm por função possibilitar a substituição da sociabilidade desaparecida. É que em sociedades complexas como a nossa a sociabilidade e indivi

dualismo, longe de se tornarem categorias excludentes, se imbricam, permitindo "a existência de múltiplos domínios, que embora coexistam relacionados, apresentam especificidade e relativa autonomia" (Velho. 1986: 38-9) . Há diferentes categorias simbólicas operando em diferentes domínios da realidade social.

A adolescência em nossa sociedade é uma dessas categorias, utilizada para mediatizar a passagem da vida infantil para a vida adulta, em segmentos de classe média. É no entanto uma categoria de caráter ambíguo. Pois seus conceitos embora, universalmente utilizados, são categorias simbólicas específicas de segmentos de classe média, onde esta idade da vida é cada vez mais antecipada em seu início e prolongada em seu término. Ao mesmo tempo que se acelera a infância a vida adulta é retardada.

2.4 - Adolescência um período intersticial

Viver a adolescência é viver um período de intersticio social por excelência. Trava-se, neste interstício, a luta entre dois domínios,diferentes e díspares. O jovem está simultaneamente em contato com a sociedade, mas ao mesmo tempo afastado dela. Este é um período "inter-limites", por isso o considero intersticial. É neste espaço que a desordem e/ou anomia se instauram, onde forças ambíguas, anômalas, estranhas, rompem com as categorias "nômicas" estabelecidas pela cultura.

O espaço intersticial, tal como é aqui conceituado - e ao qual me refiro como "desordem", tem a intenção de refletir sobre as linhas fronteiriças da transição infância/puberdade e ado

lescência - que passaram a ser fortemente marcadas e assinaladas por situações singulares nos segmentos de classe média, da nossa sociedade moderna.

Os jovens pertencentes a estes segmentos encontram-se à margem da vida na sociedade. "Eles são levados até as proximidades ou para além dos limites da ordem que determinam as suas rotinas, a existência cotidiana", no dizer de Berger (1985: 35).

Estar à margem da sociedade é ser lançado ao caos ou ao espaço intersticial. Este é o espaço vivido nas situações marginais, tal qual ocorrem na adolescência pela "precariedade do mundo social", do qual os jovens, mesmo fazendo parte, não se sentem participando de sua construção.(6)

É nas exteriorizações das expressões do cotidiano vivido pelos jovens, na longa duração que se convencionou dar à adolescência, que se pode observar a *precariedade do mundo social* em nossa cultura, principalmente nos segmentos de classe média.

O jovem nestes segmentos, vive na *duplicidade*. Pode-se dizer que a duplicidade na adolescência se encontra também nos atos e expressões da vida cotidiana, onde o sujeito a vivencia, como afirma Durkheim (1973: 64) - "entre a "dualidade" do ser social e do ser individual." Esta duplicidade é o resultado da dupla relação que o sujeito tem com o mundo.

A este respeito Mafessoli - observa que

> Em todo ato ou expressão da vida cotidiana existe um desdobramento ou duplicidade que expressa a mobilidade existen

(6) precariedade do mundo social é um termo utilizado por Berger, quando observa que: toda realidade socialmente definida permanece ameaçada por irrealidades à espreita. Todo nomos socialmente construído deve enfrentar a possibilidade constante de ruir em anomia, (1985: 36).

> cial e serve de proteção contra as formas de absolutização, traduzindo portanto a contigência humana (1983: 116-117).

Para o autor, a duplicidade é a forma que o sujeito encontra de restabelecer a reversão social, a qual permite restabelecer o sentimento do limite, da contigência da vida, relativizando as superioridades do estatuto social ou a importância dos valores idealizantes da sociedade. Na duplicidade os valores não são contestados, mas são contornados ao se mostrarem incômodos.

A principal função que Maffesoli atribui à máscara e à duplicidade, na análise sociológica, é a do "jogo duplo" - que permite a passagem de um estado paradisíaco e indiferenciado para o irreprimível querer viver constitutivo do social. O jogo duplo permite que, ao lado de ações lógicas, existam múltiplas atitudes que são não-lógicas.

É no espaço intersticial da adolescência que a duplicidade é vivida com toda intensidade, no confronto com os limites que ela desperta - no lançar-se ou duplicar-se no interstício que separa a vida infantil da vida adulta. Assiste-se, neste período ao afastar de uma ordem conhecida, familiar, onde a significação do sujeito se liga à infância e às relações parentais e, um lançar-se em um tempo e espaço ainda obscuro, onde o jovem busca um significado.

A forma ritualizada dos atos e expressões da adolescência revela o jogo duplo com o qual os jovens revestem suas ações cotidianas tais como: - as práticas amorosas, o relacionamento de amizade, de vizinhança, a forma de se vesti

rem, a preocupação com a estética, o local de encontro entre os jovens, a linguagem e as conversações, são todos rituais profundamente marcados e repetidos pela noção de limite, ou de "gestão da morte"(7).

Os rituais cotidianos da adolescência são praticados em inúmeras ações não-lógicas. Mas para os jovens estas atitudes têm o sabor de aventura. E, é de aventura que a zona sombreada do espaço intersticial, que reveste a adolescência, se alimenta. As atitudes não-lógicas se constituem em momentos particulares, que em sociedades modernas, podem também ser vividos por qualquer pessoa, nas situações em que se confronta os limites, como tentativa de por em equilíbrio ou de relativizar a pluralidade de sentimentos, que os períodos intersticiais provocam.

A duplicidade na adolescência tem por função ritualizar a realidade cotidiana, na tentativa de escondê-la e, assim esconder o medo do tempo que passa. Com esta tentativa o jovem ressalta a ânsia que tem pela vida. Ao acentuar o presente, a duplicidade impele o jovem a transcender o domínio das normas, para aí manifestar e expressar a sua sexualidade, na tessitura do ser humano que se faz homem ou mulher, em todas as manifestações que transcendem de sua relação com seu pró

---

(7) O termo "gestão da morte" - é usado por Maffeosoli (1983), para mostrar a fórmula antinômica dos atos sociais, no engajamento da vida como uma aventura, em um processo do qual não se conhece o fim e cujo transcurso está sempre submetido ao acaso e ao perigo. Ele afirma que é na facticidade dos rituais cotidianos que a fragilidade da vida sobressai, no viver a morte de todos os dias, onde se encontra tanto o querer viver, que é constitutivo do social, como o sentimento de desamparo que o anima" (1984: 119).

prio corpo e com o mundo.

Na adolescência o desdobramento, a duplicidade e a máscara são exteriorizadas com a finalidade, não conscientes é claro, de escamotear outras formas de viver a experiência da realidade social. As formas utilizadas pelo jovem em suas ações não são sentidas como disfarces, nem precisam se referir ou corresponder a um modelo externo, para a sua aceitação. Estas formas podem ser analisadas como um esforço, com que o jovem se dispõe a construir, com seu próprio corpo um outro corpo diferente do seu. São portanto, artifícios que o ajudam a enfrentar uma realidade, que para o jovem ainda não se materializou. A forma adulta simbolicamente construída dentro de sua cultura e que dará sentido a sua existência, por isso, é forma bastante ritualizada.

A adolescência, é portanto, um período de interstício social, onde os símbolos culturais se encontram em decomposição e recomposição, face ao tempo prolongado da adolescência, nos segmentos de classe média, e nos complexos segmentos de nossa sociedade em particular. Nestes segmentos ela cresce como uma franja, escapando ao sistema de classificação simbólica, onde o jovem se percebe como destituído de significado.

A adolescência, neste sentido, não deve ser entendida como um período de "crise de identidade", tal como Erickson (1976), Sullivan (1974), Grinberg (1976) e outros já mencionados na segunda parte deste capítulo a explicam. Estes autores atribuem ao sujeito individualmente, os sentimentos de crise e conflito, justificando-os tanto pelas transformações

biológicas ocorridas na puberdade, quanto pelas descontinuidades socializatórias existentes no mundo moderno.

Acontece que suas teses são fundamentadas a partir de um ponto de vista individualizante. A individualidade do sujeito, o processo de individuação, a identidade do Eu, são premissas básicas de suas teorias. Dentro deste aspecto, as crises e os conflitos são formas características e, para alguns deles, até mesmo "normais" de se viver a adolescência. Por isso este é um período tão prolongado nos segmentos de classe média, para que o jovem possa elaborar eficazmente, seus distúrbios intrapsíquicos.

Todavia, o que estes autores, não percebem é que - primeiro: - Em muitas culturas e até mesmo dentro de uma mesma sociedade, as transformações ocorridas na puberdade podem não ser vividas como crise ou conflito, tal como José Carlos Rodrigues (1983), comenta:

> Não há dúvida de que existem fenômenos biológicos que coincidem com o que chamamos de "puberdade ou adolescência". Todavia, umas culturas os ignoram enquanto outros prescrevem atitudes de indiferença diante dos mesmos. Para certas, a puberdade é importante em relação apenas a um dos sexos. Em algumas culturas, a primeira menstruação é objeto de festividades públicas, ao passo que, para outras, é um acontecimento íntimo e vergonhoso. Acontece o mesmo com respeito ao rapaz, em relação à primeira emissão de esperma, em boa parcela das sociedades conhecidas (1983: 80).

Vê-se assim que nem todas as culturas, ou mesmo nas classes de trabalhadores e segmentos mais baixos de nossa sociedade, não se configura a situação de crise ou conflito por

causa das transformações corporais na puberdade.

Uma segunda observação importante é que a descontinuidade socializatória da sociedade moderna e na complexa sociedade brasileira, pode ser vivida de múltiplas formas, numa pluralidade de combinações que afetam, não só os jovens mas diferentes pessoas localizadas nos diversos segmentos sociais de nossa cultura, em diferentes momentos de suas existências (Velho, 1981, 1986; Nicolaci-da-Costa, 1985 e Figueira 1985).

A coexistência de vários códigos simbólicos atuando dentro do mesmo espaço cultural e as formas como os vários segmentos sociais estruturam suas realidades simbólicas podem gerar "crises ou conflitos". Velho 1981, chama atenção para os mesmos, como não sendo os únicos privilégios de se viver as contradições da sociedade urbana contemporânea. O autor afirma que há outras dimensões de vida, na sociedade moderna, tais como: - consenso, pactos, identificações, encontros em termos de interesses e objetivos.

Por sua vez, Berger e Luckmann definem o sistema simbólico como:

> a matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais. A sociedade histórica inteira e toda a biografia do sujeito são vistas como acontecimentos que se passam dentro deste universo. O que tem particular importância é que as situações "marginais" da vida do sujeito são também agrangidas pelo universo simbólico. Tais situações são experimentadas, nos sonhos e nas fantasias, como áreas de realidade própria. No interior do universo simbólico, estes domínios separados da realidade integram-se em uma totalidade de sentido que os explica e talvez também os justifica. O universo

> simbólico é evidentemente construído por meio de objetivações sociais. No entanto sua capacidade de atribuição de significações excede de muito o domínio da vida social, de modo que o sujeito pode localizar-se nele, mesmo em suas mais solitárias experiências (1978:132).

As situações marginais são assim experimentadas como períodos intersticiais, que crescem como uma franja, escapando ao domínio da vida social. A nossa sociedade está repleta desses períodos intersticiais. São períodos caracterizados pela *anomia*, como tentativa de encontrar uma coerência entre o vivido pelos membros de tal ou qual segmento da sociedade e, o estatuto das normas sociais que abrange suas ações.

Os jovens nos segmentos de classe média, tal como são observados nesta pesquisa, se encontram à margem dos sistemas simbólicos que constituem a sua cultura. Acham-se entre os espaços intersticiais da sociedade, a procura incessante de um reconhecimento. Tal reconhecimento que no entanto, só é capaz de produzir sentido, dentro de sua própria cultura. Pois é a cultura que estrutura de ponta a ponta o sujeito e o mundo de suas relações sociais e assim, conferindo-lhe um significado.

A procura de um significado na adolescência pode ser entendida como um sintoma da complexidade social. Em nossa cultura as rápidas transformações sociais e o avanço tecnológico produziu uma pluralidade de combinações existenciais. Estes novos modelos de vida passaram a coexistir com os modelos tradicionais no espaço urbano das cidades. O estilo moderno de vida das cidades formado por segmento de classe média, principalmente, voltaram-se muito mais para a valorização do consumismo

do que para a atividade produtiva. Os jovens desses segmentos se integraram ao consumismo já que não fazem parte do sistema produtivo de sua própria sociedade. Esta situação propiciou mudanças significativas nas identificações do sujeito consigo mesmo e com o mundo de suas relações sociais.

A introdução desses novos estilos de vida gerou a futilidade como forma de duplicação da realidade, da valorização do supérfluo, do descartável e do aparente, onde até mesmo os sistemas de valorização da moral e dos hábitos sociais foram modificados. Deste modo os jovens não mais se fixam, nem se realizam em coisa alguma que seja permanente.

O sistema de escolarização, isto é, da reduplicação ou reprodução do conhecimento, mais a abundância de coisas produzidas para serem consumidas, descartáveis, retiraram o jovem do convívio social mais extenso, da vida pública onde o "homem faber"(9) cria e atua sem muita preocupação em saber se o mundo de coisas que ele produz, serve ao processo vital humano.

A fabricação automatizante a que se chegou na sociedade moderna, limitou a capacidade dos sujeitos em criar e construir um mundo humano. A perda do sentido ecológico ligado a experiências preservativas do ambiente humano, escapam cada vez mais as próprias experiências humanas. É através da atividade construtiva e consciente, voltada para o bem comum social, que o sujeito constrói um mundo humano. Ao encerrar-se em si mesmo o ser humano transformou-se no ser individualis

(9) O termo "homem faber" é usado por Hannah Arendt, em seu livro A Condição Humana (1983).

ta, instável, automatizado, face a instabilidade do mundo fabricado de coisas perecíveis e descartáveis.

Deste mesmo automatismo - igualitário - nivelador e individualizante - se reveste a adolescência, nos segmentos de classe média da nossa sociedade, onde os jovens não se sentem fazendo parte da construção de seu próprio mundo.

A entrada dos jovens no sistema produtivo da sociedade era, anteriormente, organizada em torno da sociabilidade. Até mesmo nos segmentos de classe média, os problemas da vida eram diluídos e ritualizados em torno da família extensa, das relações de vizinhança ou da própria comunidade. Eram comuns os rituais de passagens de uma etapa à outra da vida de criança e do jovem. O aprendizado era valorizado pela conquista de novas posições dentro da hierarquia familiar. A perda dessa sociabilidade e o afastamento destes rituais possibilitou o surgimento de períodos intersticiais em nossa cultura.

Os períodos intersticiais formam os buracos vazios, caóticos da sociedade, ao mesmo tempo que funcionam como período de decomposição e recomposição de novas fronteiras simbólicas na tentativa de atribuir significados às experiências vividas pelos sujeitos nesses interstícios. À medida que essas fronteiras se estruturam, elas ganham um significado. Assim o que antes era desordem, ao encontrar um sentido volta a ordenar-se.

Todo esse movimento a procura de um significado é realizado dentro do universo simbólico da cultura, do qual fazem parte tanto o mundo material de objetos produzidos, quanto o mundo imaterial constituído pela linguagem e sociedade. Pois

todo significado é construído pela cultura, já que - "o ser humano é um animal amarrado às teias de significado que ele mesmo teceu e, a cultura são essas teias e sua análise" (Geertz, 1978: 15).

Mas não é a cultura em geral, que dá um significado ao sujeito e sim as formas altamente particulares dela, como afirma Geertz. É a cultura de um povo específico, de uma classe ou segmento social, também específicos, onde diferentes sistemas simbólicos atual e são construídos para a orientação dos sujeitos. Assim, "os homens são, até o último deles, artefatos culturais manufaturados", (Geertz, 1978:63).

É no espaço intersticial da adolescência que se pode observar como a construção da identidade dos jovens se liga aos aspectos mais específicos de sua cultura. É nele que a elaboração e produção de significados possibilitam o surgimento de uma nova sociabilidade capaz de coexistir com os diferentes sistemas simbólicos encontrados nos interstícios, permitindo que os jovens possam construir um sentido para suas próprias existências.

A construção de um significado na adolescência desta maneira, não pode estar dissociada da sociedade. A construção da identidade na adolescência é acima de tudo, uma construção social. O que varia são as formas como esta construção se realiza, dado os diferentes sistemas simbólicos que atuam nos interstícios. Os valores individuais e sociais a serem priorizados dependerão do contexto familiar e social em que esses jovens se localizam.

2.5 - A Identidade Social, na adolescência

A questão da identidade social e individual é uma discussão clássica nas ciências humanas. Enquanto as teorias psicológicas privilegiam as noções de "indivíduo-biológico" e "sujeito psicológico", as ciências sociais se debruçam sobre a representação social do sujeito. De acordo com a teoria que se está tratando, a ênfase pode recair nas ideologias individualistas, dominantes em vários segmentos de classe média; como pode privilegiar o papel social exercido pelo sujeito ou, ainda, a divisão social do trabalho. Em qualquer uma destas teorias, está sempre implícita a noção de valor do sujeito e como se realiza a sua inserção na rede de suas relações sociais.

A minha preocupação neste trabalho, vem sendo a de analisar a adolescência, enquanto um período de interstício social, onde os jovens de segmentos de classe média elaboram suas identidades e analisar como as crenças e valores que fazem parte deste domínio são utilizados nesta elaboração.

Ao apontar o caráter dialético da sociedade Berger (1985), observa como as crenças, os valores e a própria sociedade são elementos sistematizadores na construção da identidade do sujeito. Para este autor, o ser humano e o mundo entram em relação dialética para a construção do mundo humano, lugar onde o sujeito encontra um significado. Esta relação, analisada por ele, e que aqui descrevo em linhas gerais, por julgá-la fundamental neste trabalho consiste de três passos ou momentos que são - a exteriorização, a objetivação e a interiori

zação.

Para Berger, a exteriorização consiste:

> na efusão constante do sujeito sobre o mundo através de sua atividade física e mental, pela qual a sociedade se torna um produto humano. A exteriorização é uma necessidade antropológica visto que o ser humano não pode ser concebido como algo isolado em si mesmo e, em seguida partir para se exprimir no mundo que o rodeia (1985: 16-17)

Ao contrário do que fazem muitas teorias psicológicas, a teoria social de Berger não dissocia o ser humano social e histórico do ser humano biológico. Dado o caráter inacabado do ser humano no nascimento - o processo biológico de "tornar-se humano" - ocorre num tempo em que o infante humano, se encontra em interação com um ambiente exterior ao seu organismo e que inclui o mundo físico e o mundo humano da criança. É neste campo que o sujeito desenvolve uma personalidade e assimila a cultura. As sucessivas identificações da infância são construídas nesta interação.

Berger, observa que:

> o mundo humano é um mundo aberto e que deve ser modelado pela atividade do ser humano. Existe, por isso uma dupla relação do sujeito com o mundo - por não ter um mundo do homem, como os outros animais, o homem constrói um mundo humano - onde a atividade que ele desenvolve não é um fenômeno biológico estranho e sim, a conseqüência direta da sua constituição biológica (1985: 18).

Assim a existência humana percebida por Berger, é um "contínuo pôr-se em equilíbrio" - do sujeito com seu corpo e

do sujeito com seu mundo. O mundo da cultura é construído pelo ser humano para fornecer à vida humana as estruturas que lhe faltam biologicamente.

Neste sentido a cultura difere da natureza, por ser um produto da atividade humana, sendo que suas estruturas são precárias e sujeitas à mudança.

Para Berger: "a totalidade dos produtos humanos, que constituem a cultura, tanto podem ser materiais, como os instrumentos por meio dos quais o ser humano modifica a natureza; como podem ser não-materiais, como a linguagem e seus símbolos," (1985: 19).

Berger, concebe a sociedade como: "a mais importante parte e parcela da cultura não material, que estrutura as incessantes relações do ser humano com seus semelhantes."

A objetivação para Berger, consiste no mundo humanamente produzido - que atinge o caráter de realidade objetiva. A objetivação, como afirma Berger, se dá em dois sentidos:

> A objetivação é primeiro uma conquista do produzido pela atividade física e mental do ser humano. Estes produtos se defrontam com seus produtores como objetos do mundo real fora da consciência do sujeito, fazem parte da cultura material e não-material. Segundo são produtos experimentados e apreendidos nas formas sociais, isto é compartilhado com os outros seres humanos. A objetividade da cultura é principalmente compartilhada nos seus constitutivos não-materiais. Assim o mundo cultural não é só produzido coletivamente, ele permanece real em virtude do reconhecimento coletivo, que o legitima (1985: 23).

A objetivação da atividade humana significa que o humano é capaz de objetivar uma parte de si mesmo no recesso de sua própria consciência, neste sentido a sociedade não lhe confere só um conjunto de papéis mas, também, uma identidade designada. É através da socialização que o sujeito objetiva-se a si mesmo e, é produzido pela exteriorização de sua consciência.

A interiorização é para Berger:

> o processo seguinte e que se produz pela reabsorção na consciência do mundo objetivado de tal maneira que as estruturas deste mundo vêm a determinar as estruturas subjetivas da própria consciência. A sociedade funciona como a ação formativa da consciência individual. São os processos sociais que dão significado à experiência humana,(1985: 30).

A adolescência é o período onde o grau de êxito da socialização é testada num espaço onde o jovem se percebe à margem da sociedade visto ser este um período onde a relação com seu corpo e com o mundo podem estar abaladas, dada a possibilidade de descontinuidade na sua socialização.

O isolamento a que a família nuclear e a escolarização levaram os jovens nos segmentos de classe média, permitiu que o mundo da realidade cotidiana e objetiva não alcançasse uma simetria com o mundo subjetivo do sujeito. A essência desta assimetria pode ser medida nas expressões adotadas pelos jovens na adolescência. Elas podem ser observadas tanto na linguagem de seus corpos, nas suas falas como nos valores que são introduzidos como normas entre eles.

Isolados do convívio social mais amplo, os jovens introduzem uma forma de conversação a cujos símbolos e significados escapam até mesmo, aos adultos significativos responsáveis pos suas socializações. É através da conversação que a criança mantêm com os adultos significativos que ela internaliza uma série de identificações que vão construir a base de suas identidades na adolescência. É também através dela que a criança apreende o mundo social, os sistemas simbólicos, comunica suas experiências e se apropria objetiva e subjetivamente da realidade do mundo social de sua cultura.

Ao entrarem na adolescência os jovens, principalmente nos segmentos de classe média, se distanciam da sociabilidade mantida na conversação com os adultos. A competição e os ideais individualizantes do mundo adulto afastam, cada vez mais, os jovens do convívio social extenso, dão lugar a escolarização prolongada e adiam a participação dos mesmos nos sistemas produtivos da sociedade.

A perda da conversação enquanto elo necessário a elaboração da identidade dos jovens, faz com que eles vivam a adolescência enquanto um período intersticial, isto é sem preocupação alguma com a realidade de sua cultura, do seu papel social e de sua própria identidade.

É através da socialização, que o sujeito se apropria da realidade das instituições sociais de sua cultura, juntamente com seus papéis e sua identidade. A este respeito Berger observa que:

> Uma vez formado o indivíduo como pessoa, com uma identidade objetiva e subjetiva

> mente reconhecível, ele deve continuar e participar da conversação que o sustenta como pessoa na sua biografia em marcha. Isto é, o indivíduo continua a ser co-produtor do mundo social, e assim de si mesmo (1985:31).

Acontece que dada a precariedade do mundo social construído pelo ser humano, a conversação pode ser rompida. Ao perder a linguagem nomizante o mundo subjetivamente plauzível do sujeito é também rompido, não mais dando sentido e significado à sua existência.

Este é um fenômeno que ocorre na adolescência visto que a conversação mantida nas relações interpessoais entre adultos e jovens perde sua eficácia. Não participando da conversação do mundo adulto os jovens realizam suas experiências fora do "nomos"(10) socialmente estabelecido.

A criança ao longo de sua socialização apreende uma identidade subjetiva como uma verdade cósmica, dada a importância que credita aos outros significativos e às instituições sociais que fazem parte do sistema de valores e crenças de sua sociedade. Até as emoções da criança passam pelo processo de socialização. Deste modo ao chegar a adolescência o sujeito é capaz de compreender o processo subjetivo das outras pessoas. O mundo no qual ele vive é compartilhado com elas, ele se reconhece da forma como se sente reconhecido.

A ausência de sentido, comumente descrita na adolescência se funda, igualmente, no fato sociológico descrito por

---

(10) "Nomos" (grego = Lei) termo usado por Berger em oposição a "anomia" - utilizada por Durkheim (1951).

Berger, de que:

> As identidades sociais e seus papéis correspondentes são dados ao indivíduo pelos outros, mas esses outros são também expostos a mudar ou retirar as atribuições. Esquecem quem era o indivíduo e, devido à dialética inerente de reconhecimento e auto-reconhecimento, ameaçam as lembranças que ele próprio tem de sua identidade (1985: 50).

A própria adolescência é assim, uma ausência de sentido, pois sua função é de servir como espaço de interstício social, onde os outros significativos e as instituições sociais se modificaram, ao retirarem as atribuições que, anteriormente como se constata pela análise histórica da adolescência, concediam aos jovens. Estas mudanças, nos segmentos de classe média de nossa sociedade, são sentidas pelos jovens como falta de reconhecimento, onde a perda das fronteiras simbólicas, rompem a conversação e a sociabilidade.

A ausência de uma linguagem significativa lança o jovem na "anomia", mergulhando-o na desordem, socialmente legitimada como "adolescência". Fazendo parte de uma realidade destituída de sentido para ele, o jovem se lança na construção de um novo "nomos" de uma nova linguagem, apoiadas em valores e crenças, que sejam capazes de lhe restituir a conversação não só com os outros significativos, mas agora com os outros que, na mesma situação, precisam dar sentido à vida e assim re-significá-la.

III - A ADOLESCÊNCIA EM SOCIEDADE URBANA

No dizer de Mannheim - "a juventude pertence aos recursos latentes de que toda sociedade dispõe e cuja mobilização depende sua vitalidade" (1967: 71).

É tarefa de toda sociedade integrar as novas gerações no sistema social de sua cultura. É através dos recursos latentes, que toda sociedade se renova e conserva a sua tradição histórica. As reservas latentes, entretanto, só são mobilizadas e integradas produtivamente na sociedade, a partir de formas sociais específicas, que legitimam suas atividades. Na sociedade de nosso século, foram as duas Grandes Guerras Mundiais, que ocasionalmente, legitimaram a mobilização da juventude, que passou a ser considerada como força renovadora da sociedade "esclerosada".

O fato é que, na sociedade - são os movimentos históricos-sociais que, em geral, legitimam "os recursos latentes", colocando-os em ação à medida que o poder legitimador dominante, o reconhece ou, é forçado a reconhecer.

Assim, sentimentos, emoções e papéis que se encontram sem identidade social definida, ou marginalizados, como o papel da mulher, da criança e do jovem, em nossa sociedade ou ainda as crenças religiosas, as festas populares e os ritos de inversão social, como o carnaval, se constituem nas "funções sociais" dos momentos interstíciais. A medida que se esgotam os recursos da vida social, esses papéis mesmo não possuindo uma identidade definida são legitimados. Frente a ameaça de ruptura do "nomos" regulador, os recursos latentes que a sociedade dispõe são acionados. O confronto com a morte é intensamente vivido face a força anomizante que os momentos intersticiais contêm. Em tempo de morte, todos os recursos latentes

de vida, são validados e urgem por serem colocados em ação na sociedade.

Nestes períodos intersticiais uma da saídas para a vida de que a sociedade dispõe é, paradoxalmente, a anomia. Berger (1985) opõe anomia a nomos e considera que a sociedade estabelece "nomos", repetidas vezes, contra a ameaça de sua destruição pelas forças anômicas, próprias à condição humana.(1) Os recursos latentes se manifestam nestes interstícios, como uma força "caótica", na tentativa de penetrar no "nomos" estabelecido de sua sociedade.

A manifestação dos recursos latentes se transforma em "função social" mesmo sob o controle das coersões sociais, ela ganha legitimidade. Referindo-se ao carnaval, como uma destas manifestações, Da Matta comenta:

> O carnaval é uma das possibilidades de realizar um caminho criativo, mas invertido, dentro da estrutura social. Em vez de entrar mais e mais na ordem social e ser totalmente submetido a ela e suas regras, o que aqui se coloca é a possibilidade de sair do mundo ou melhor, de deixar "este mundo". Primeiro como já indicou Dumont num artigo pioneiro (1970: capítulo 3), pela individualização, depois pela possibilidade de reentrar no mundo social como uma personagem perigosamente complementar ao próprio sistema (1981: 259).

Toda situação de limite, intensamente vivida nestas manifestações, se funda na sociabilidade, os rituais que toda sociedade possui são os melhores exemplos dela. É esta a

(1) Berger (1985) define anomia não só como a perda dos laços emocionais que satisfazem o sujeito, mas como a perda de sua orientação na experiência. Em casos extremos o sujeito chega a perder a identidade e o senso da realidade.

única forma dialética de minimizar as tensões psicológicas de que a anômia nos interstícios sociais se reveste. É na desordem do caos que se institui a ordem do cosmos. É do caos que emerge o "cosmos sagrado".

No dizer de Berger (1985), "o sagrado é apreendido como algo que "solta fora", das rotinas normais, como algo extraordinário e perigoso, embora seus perigos possam ser domesticados e sua força aproveitada para as necessidades cotidianas. "Assim", os mundos do homem têm sido, na maioria, mundos sagrados e através dele o homem concebeu o cosmos em primeiro lugar" (1985: 40-41).

A brecha que se abre na sociedade, que permite "sair do mundo" sagrado (o trabalho, a família, a casa, a religião etc.), e penetrar no mundo profano (o carnaval) é a forma dialética do sujeito reentrar no mundo social, dele sentir-se abrangido pelo "nomos" de sua sociedade, e de sentir-se domesticado. Este fato transcende a individualidade, ante o poder ordenador da sociedade.

As manifestações da adolescência na sociedade urbana, principalmente nos segmentos de classe média, possuem a mesma função. Viver intensamente a anomia, como forma de reentrar no mundo social e, como forma de sentir-se abrangido pelo "nomos" de sua sociedade, face a complexidade e os contrastes nela existentes.

O importante, em uma pesquisa empírica, ao se analisar qualquer segmento social é observar como as pessoas se orientam dentro do "nomos" de sua sociedade, face a pluralida

de e coexistência de visões-de-mundo e "ethos" contrastantes, de sociedade moderna e complexa, como a nossa.(2)

A função do nomos, entretanto, é a de permitir que o sujeito conquiste uma identidade que lhe garanta um significado socialmente reconhecível, em outras palavras, que lhe garanta a vida e lhe conceda a morte. O nomos é organizado, ante a ameaça constante da anomia.

As manifestações anomizantes da vida urbana ressaltam a duplicidade e as contradições existentes nos espaços onde os recursos latentes se encontram e ameaçam irromper os limites, transgredindo-os.

A adolescência pode-se afirmar é fruto da sociedade urbana. Ela começou a se constituir enquanto um domínio social a partir dos séculos XVII e XVIII, com a revolução industrial, o desenvolvimento das cidades, juntando-se aos problemas que a urbanização gerou pelo seu rápido crescimento.

O enriquecimento da classe média burguesa, afastou seus jovens do convívio social extenso e limitou suas ações à

---

(2) Visão de mundo e "ethos" são aqui mencionados e entendidos tal como descrito por Geertz, em seu livro A Interpretação das Culturas; observa o autor - "... os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos por recente discussão antropológica, sob o termo "ethos", enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo visão de mundo. O "ethos" de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e a seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem " (1978: 143-144).

família e à escola. A máquina e a tecnologia recusaram a mão--de-obra dos jovens burgueses.

Mas, paralelamente à classe burguesa, cresceu e expandiu-se em número muito maior, a classe dos assalariados. Ela era constituída, em sua maioria, dos antigos servos que deixaram o campo e acorreram a demanda das cidades industrializadas. A juventude desta classe não possuia a mesma oportunidade de escolarização. Os jovens desde cedo, por vezes, ainda crianças, passavam a trabalhar nas industrias, em pequenos serviços e até mesmo para trabalhos domésticos eram conduzidos. Não eram, entretanto, afastados do convívio social extenso, da sociabilidade como forma de relação interpessoal. Mas, ao mesmo tempo entravam em contato com a outra juventude de ideais individualizantes. Enquanto muitos daqueles aspiravam a ascenção social, estes se individualizavam.

Com o rápido crescimento das cidades e o surgimento das grandes metrópoles, ao longo do século XIX e boa parte do século XX, face a expansão da indústria têxtil e do comércio, os jovens das classes trabalhadoras são cada vez mais absorvidos no sistema de produção da sociedade capitalista, onde não lhes sobra espaço para as manifestações da adolescência. A adolescência é destinada à juventude dos segmentos de classe média, por ingressarem bem mais tarde no sistema produtivo da sociedade. A escola, entre outras funções sociais que ela exerce, é a de afastar o jovem destes segmentos do mercado de trabalho.

À medida que a sociedade urbana se complexifica, aumenta o espaço para as manifestações da adolescência, que nes

te século, tornou-se tema de inúmeras pesquisas,no campo das ciências sociais. Nestas pesquisas,já discutidas no capítulo anterior, a adolescência é tratada como um fenômeno universal ou, da "natureza humana" e, às vezes, é associada as descontinuidades na socialização, que a família e a escola provocaram com o afastamento da criança e do jovem, do convívio social mais extenso. Estes são entretanto, apontados como fatores externos geradores de crises e conflitos,no jovem que se encontra em desenvolvimento físico e psicológico.

A ausência de uma perspectiva histórica mais abrangente, nestes trabalhos, possibilitou uma série de contradições, por vezes, polêmicas, nos estudos sobre a adolescência. Até os dias atuais persistem estas contradições.

Entendo que estas contradições podem ser relativizadas, quando se analisa a sociedade urbana, dentro de um contexto ideológico do poder e, das coersões sociais que legitimam. Esta perspectiva possibilita o surgimento de novas categorias de análise, muito mais pela mudança de valores no discurso histórico-social, do que pelas características intrínsecas com que muitos teóricos analisam o fenômeno da adolescência.

Em outras palavras, a mudança de valores no discurso social, que por sua vez está ligada as transformações econômicas que aceleram o processo de desenvolvimento da sociedade, possibilitam o surgimento de brechas ou interstícios, para que os "recursos latentes" da sociedade, tal qual a adolescência, se manifestem.

Minha hipótese é que - o fenômeno da adolescência na sociedade urbana está muito mais ligado à mudança de valores no discurso ideológico social, do que as transformações biológicas da puberdade que, não só no senso comum, mas em muitos autores, analisados no capítulo anterior, são consideradas as causas dos conflitos e crises da adolescência.

A mudança dos valores no discurso histórico-social é percebida quando se analisa o fenômeno da urbanização nas sociedades industrializadas e o impacto que ele gerou nas relações humanas, possibilitando "um antes e um depois" na civilização.

3.1 - Do tradicional ao moderno

Quando Duvignaud (1983) expõe os fenômenos sociais gerados pela industrialização, ele percorre a história da civilização, começando pelos egípcios e pelas cidades-estado gregas e, observa a necessidade que o ser humano sempre possuiu de conquistar o espaço. Ele afirma ser esta uma tentativa simbólica de organizar o espaço necessário à vida nas sociedades humanas, e porque não dizer também uma necessidade de organizar a morte. Referindo-se a conquista do espaço ele observa:

> Se queremos compreender o que significam as formas que a experiência humana assume na história, devemos admitir que as relações dos homens com o espaço constituem o suporte da maioria das nossas atividades, sejam elas técnicas, simbólicas, míticas e até filosóficas. Sem dúvidas, convém observar as formas ou tipos desta experiência de ambientação, como expressão resultante do labor de gerações consecutivas ou componentes de um "meio" construído em facetas diferentes, servindo

> de pedestal às culturas que certas atividades como a festa contestam ou destroem... O espaço vivo, é o teatro das nossas manifestações mais simples - o comer, o caçar, o amar, o parir, o morrer - e seria melhor reservar o termo espaço para indicar a natureza ainda não modelada e violada pela sociedade, extensão que varia com os universos particulares e diferentes, como as sociedades "primitivas", as cidades, as civilizações teocráticas, o quebra-cabeças da Idade Média, as monarquias centralizadas, as sociedades industrializadas ... (1983: 36).

O autor fala do espaço histórico conquistado pelas civilizações. Ele se refere ao espaço da extensão coletiva que os sujeitos organizam em torno de si mesmos na construção do mundo humano. O espaço da sociedade, da praça, da rua, da casa são todos espaços consagrados à vida, onde o ser humano faz sua morada e transmite suas tradições às outras gerações. Este é o espaço da sociabilidade, onde cada ato da vida cotidiana é compartilhado por todos que ocupam o mesmo espaço da cidade, da praça etc., porque são todos abrangidos pelo mesmo "nomos". É este, também, o espaço do corpo social, onde todas as formas de relação interpessoal e de funções sociais são simbolicamente estruturadas. É neste espaço que toda significação humana é construída.

Mas ele é, ainda, o espaço tridimensionado do corpo humano, lugar onde se instaura a vida. É portanto a morada do ser humano. É o lugar da comunicação e da comunhão com as outras vidas, com os outros corpos humanos e celestes.

O espaço da "extensão" onde se incluem as atividades do ser humano, a civilização, as cidades e a cultura e suas for

mas simbólicas de construção da realidade social do sujeito; é o espaço aqui discutido.

Na análise histórica que faz do espaço das civilizações, Duvignaud (1983) observa que - a industrialização "despedaçou a homogeneidade do espaço de extensão humana", afirma que o surgimento das sociedades industriais fendeu o espaço uniforme e que o rápido desenvolvimento das técnicas acrescentou "outros domínios ao novo ambiente humano"; mas em compensação, diversificou-o e fragmentou-o excessivamente.

A sociedade antes da era industrial construia a maioria de seus espaços de forma homogênea, pois eram todos espaços de extensão do ser humano. Assim a casa e a praça eram lugar das "trocas simbólicas", o lugar da sociabilidade. Os valores possuíam uma tradição que marcavam o espaço social do sujeito. As idades da vida, da mesma forma, eram as idades da extensão da vida do ser humano. Por isso, não se pensava em separar os sujeitos por classe de idade. Assim não se separava a criança e o jovem do convívio social extenso, isto é da extensão da praça, da participação do mundo adulto, onde os valores sociais e as tradições culturais circulavam.

A vida urbana nas grandes metrópoles, dado ao acúmulo de riqueza que a industrialização gerou, fragmentou a sociabilidade como forma de expressão homogênea, das trocas simbólicas nas relações interpessoais. Resultando daí, que as formas tradicionais da sociabilidade, deram lugar "a uma estrutura da mais alta impessoalidade e promoveu uma subjetividade altamente pessoal (Simmel, 1950)".

As formas tradicionais da sociabilidade foram transformadas na forma de vida da não-extensão, do não-espaço, da aglomeração nas grandes metrópoles, da presença simultânea de uma multiplicidade de estímulos que o cidadão metropolitano se defronta em sua vida diária. A resposta que o habitante das grandes metrópoles dá a estas transformações é, descrita por Simmel (1950) como "atitude blasé".

A "atitude blasé para ele, é resultante, em primeiro lugar, dos estímulos contrastantes que as rápidas mudanças e compressão concentrada impõem aos nervos. Ela é, uma resposta fisiológica à intensificação da intelectualidade que o sujeito metropolitano é forçado a desenvolver, face à presença simultânea de estímulos contrastantes e sua necessidade de compor e recompor suas fronteiras simbólicas.

A vida hedonista das grandes cidades, como afirma Simmel, torna também a pessoa "blasé" porque agita os nervos até seu ponto de mais forte reatividade, que ela para de reagir. A permanência prolongada no meio urbano esgota até as últimas reservas do sujeito, a intensidade dos estímulos não lhe dá tempo para recuperar-se. Incapaz de reagir às novas sensações com energia apropriada surge a "atitude blasé". O autor observa que até mesmo as crianças possuem "atitude blasé", quando comparadas com outras crianças de meios mais tranquilos e menos sujeitos às mudanças.

Pela análise da sociedade moderna que Simmel (1950) empreende, pode-se perceber como os valores tradicionais que antes guiavam o sujeito em suas atividades e na própria

percepção de si mesmo e do mundo, começam a ser modificados com a industrialização e o progresso das grandes cidades.

A sociabilidade básica encontrada nas relações interpessoais, fundada na divisão do trabalho, na família extensa,no sistema de transmissão de valores e aprendizagem às gerações mais jovens, na demarcação nítida das fronteiras simbólicas,que antes orientavam a vida do sujeito, se diluem na sociedade urbana.

A vida urbana passa a girar em torno da economia do dinheiro e da divisão econômica do trabalho. Nela, as relações humanas, dada a complexidade a que pode chegar a sociedade moderna, se fundam na impessoalidade, afetando a realidade subjetiva do sujeito pela perda do poder descriminador, onde tudo é medido pela quantidade, perdendo-se até mesmo, a qualidade de vida.

A modernização da vida urbana, promovida pela industrialização, não tem precedentes na história da humanidade. Nem mesmo as cidades-estado da Grécia antiga, com todos os impasses que por ventura possam ter causado ao cidadão grego provocaram tamanha transformação.

Da industrialização da sociedade moderna nasceu a especialização profissional e a competição pessoal, enquanto valores individuais e, como tentativa de diferenciação; face ao poder nivelador que a economia do dinheiro provocou. Uma outra conseqüência desta dinâmica, para a sociedade moderna urbana, foi a interdependência profissional dos sujeitos em torno de uma sociabilidade calcada na "comunidade de interesse" (Park:

1976).

A medida que a sociedade se industrializa e a especialização dos sujeitos produzem novas tecnologias, os valores sociais tradicionais se diluem ou afastam-se do cenário urbano. Em seu estudo sobre a cidade, Park (1976) desenvolve duas noções que considero importante, de serem levantadas neste trabalho. A primeira delas refere-se ao sentimento e preconceito como formas elementares de conservadorismo enquanto a segunda diz respeito aos nossos interesses que são racionais e móveis e conseqüentemente provocam mudanças.

Assim sendo enquanto a "mobilidade" provoca mudanças, o seu oposto, isto é o "isolamento" pode levar a estagnação e a conservadorismos. Mas como observa Park, mobilidade e isolamento podem ao mesmo tempo representar um caráter e uma condição, deste modo estas duas noções cobrem uma ampla gama de fenômenos.

Ao transpô-las para o estudo da adolescência, meu objetivo é mostrar como se apresenta o universo onde elaboro minha pesquisa empírica e, a partir daí observar as expressões da adolescência, cada vez mais como fruto das mudanças de valores produzidas no discurso social. Um discurso que se transforma à medida que a sociedade se industrializa.

Com a industrialização a cidade sai do seu isolamento e perde ou modifica muitas de suas instituições e valores tradicionais, tais como a igreja, a escola e a família e as relações de vizinhança, entre outras. Esta transformação provoca uma acelerada mobilização de recursos, que tanto podem ser os recursos materiais, tais como, financeiros, imobiliários

ou recursos espaciais, tais como, os espaços intersticiais que se imbricam no espaço da industrialização. Estes são fenômenos das sociedades complexas, modernas que caracterizam, de forma peculiar, a cidade de Juiz de Fora, universo desta pesquisa.

Antes de descer a pormenores sobre a cidade de Juiz de Fora, é imprescindível caracterizar a sociedade complexa moderna tanto no que diz respeito a divisão social do trabalho quanto a sua heterogeneidade cultural e a relação existente entre a duas dimensões; não só da forma como elas aparecem no universo pesquisado, mas também com os matizes, que, em geral, a sociedade brasileira se apresenta ao pesquisador.

Em Berger (1985), a sociedade é entendida como a parte ou parcela mais importante da cultura não material. Os sistemas simbólicos que a constituem tem por finalidade abarcar as experiências vividas pelos sujeitos em um nomos significativo.

Uma característica importante da pesquisa em sociedade complexa, como afirma Velho, é "localizar experiências que sejam suficientemente significativas para criar fontreiras simbólicas", que tanto podem estar ligadas à divisão social do trabalho, quanto a heterogeneidade cultural ou relacionada a ambas. O problema que se coloca é o de "verificar o peso relativo" que estas experiências possuem para o sujeito em confronto com as outras já existentes na sociedade" (Velho, 1981).

Assim classes sociais, estratos ou segmentos são delineados pela divisão social do trabalho, enquanto a heterogenei-

dade cultural de acordo com Velho, (1981) pode ser entendida como a coexistência, harmoniosa ou não, de uma pluralidade de tradições com base ocupacional, étnica, religiosas e outras.

O que caracteriza a sociedade complexa moderna industrializada é a mobilidade de suas organizações sociais, a acentuada divisão social do trabalho, o aumento da produção e do consumo e o rápido crescimento urbano, face o aumento da população movida pelas oportunidades que o trabalho na indústria oferece. A Revolução Industrial da era moderna gerou este tipo de sociedade enquanto o avanço tecnológico da sociedade contemporânea contribuiu para a "extrema fragmentação e diferenciação de papéis e domínios, dando um contorno particular à vida psicológica individual (Velho, 1981: 17)".

Em contraposição, a sociedade complexa tradicional se caracteriza pela imobilidade ou isolamento,pela distância social que suas estruturas possibilitam e pela manutenção da organização social com base em sentimentos conservadores. A família, os laços de parentesco, a religião, a vizinhança e a solidariedade social, são fortemente estimuladas e conservadas.

Enquanto a sociedade complexa tradicional privilegia o sujeito como parte de uma totalidade, com base em um sistema hierarquizante das relações sociais; tais como o sistema de castas hindú descrito por Louis Dumont (1970); a sociedade complexa moderna privilegia o sujeito como unidade significativa, locus propício para a difusão de ideais individualistas e "visões de mundo psicológizantes" (Velho: 1985), face aos "desmapeamentos" (Figueira: 1985) gerados pela coexistência de "ethos" e

visões de mundo contrastantes em diferentes domínios da mesma cultura.

Ao descrever os espaços da casa, da rua e do outro mundo, DaMatta (1985), analisa a construção do tempo e do espaço na sociedade brasileira. Ele observa que no Brasil, em qualquer pesquisa, é fundamental a análise dos espaços que a envolve, pois, no dizer de DaMatta, a sociedade brasileira é uma "sociedade relacional" - isto é, ela se insere em um sistema onde a conjugação, por exemplo de - família e classe social, religiosidade popular e economia capitalista, a casa, a rua e o outro mundo; "tem razões que os termos que ela relaciona podem perfeitamente ignorar (DaMatta, 1985: 20-21)".

Ao analisar a adolescência, na sociedade brasileira é fundamental observar como se estrutura o espaço onde, os jovens se expressam e vivem. Entender como eles se manifestam em suas experiências cotidianas e como lidam com o fato de serem jovens em uma sociedade como a nossa, é compreender como são organizadas as relações com os espaços onde eles atuam.

Algumas pesquisas têm analisado a manifestação dos jovens em seus espaços próprios. Como por exemplo, a pesquisa de Toniolo (1980) que analisa "quartos e corpos habitados por jovens", na cidade de São Paulo. Ela os interpreta como "diagramas de psicologia". Faz, em seu trabalho, um estudo do espaço da intimidade do jovem, com o objetivo de explicitar uma linguagem que sirva de referência para a leitura dos quartos e corpos construídos pelos jovens. Ela propõe uma "topoanálise" a partir de uma "semiologia espacial", baseada na estruturação míti-

ca do espaço. Sua visão é fenomenológica. Seu modelo é utilizado para a análise da organização do espaço-quarto e espaço-corpo do jovem, análise que ela considera de grande importância para o diagnóstico clínico.

Uma outra pesquisa que visa o entendimento dos valores, visão de mundo e estilo de vida de segmentos de camada média brasileira foi desenvolvida por Heilborn (1983), estudando um "network" de teen-agers pertencentes a um segmento da classe média, em Ricardo de Albuquerque, num suburbio do Rio de Janeiro. A autora analisa a construção de identidade dos jovens, observando a sociabilidade e a conjugação dos domínios da moral e da questão do gênero. Ela elabora uma etnografia com base no "network", definindo algumas qualificações específicas, na medida em que a pesquisa se enraíza profundamente na localidade de Ricardo de Albuquerque e possibilita tecer uma identidade particular perante o sistema de relações de parentesco e vizinhança, que implica numa sociabilidade espacialmente concentrada. Como ela observa - o estudo do espaço do "network" promove a conexão de indivíduos e famílias geralmente dispersos no meio urbano.

Realizar pesquisas na sociedade brasileira, significa entrar em contato com esses espaços, onde diferentes visões de mundo e "ethos", coexistem ou atuam simultaneamente. No mesmo espaço e domínio da pesquisa, ao lado de ideologias individualistas modernas podem estar presentes outros mecanismos sócio-culturais tradicionais que fundamentam a relação entre grupos e ocupam uma posição privilegiada na construção da identidade social do sujeito.

Nos segmentos de classe média, principalmente por estarem mais sujeitos à mudança na organização social, estes contrastes se encontram presentes. Em alguns espaços da sociedade brasileira eles são mais evidenciados, como ocorre no espaço da adolescência em segmentos de classe média. Em espaços como este, o contraste pode aparecer como mostra Velho (1986) "no terreno do trabalho o desempenho pode ser moderno e nas relações familiares tradicional. Mas sobretudo no terreno da moral fica nítida a variação, a tensão e a heterogeneidade" (1986: 54).

No espaço da adolescência em Juiz de Fora estas contradições se acham bastante evidenciadas. Na casa, pode-se encontrar relações familiares bastante tradicionais, a exemplo da família mineira enquanto na rua o tradicional se mistura ao moderno em uma combinação que, às vezes, pode desorientar o pesquisador.

3.2 - Condições e contradições da vida na cidade de Juiz de Fora

Juiz de Fora é uma cidade mineira de porte médio, próxima ao Rio de Janeiro, estado ao qual se liga por estrada asfaltada em pista dupla, visto situar-se no eixo Rio-Brasília. Aninhada num vale, a 800 metros de altitude, com sua paisagem entrecortada por matas remanescentes da floresta Atlântica e um clima agradável (a temperatura média é de 20,4°C), oferece possibilidades de vida saudável aos seus 370 mil habitantes permanentes.

Juiz de Fora faz parte do grupo de municípios que nas

ceu em virtude do Ciclo do Ouro e da necessidade de se abrir caminhos entre a Corte - Rio de Janeiro - e as Minas Gerais - a região produtora de ouro. O primeiro passo para a comunicação mais rápida entre estes dois pontos foi a abertura da picada que ligava Borda do Campo a Raiz da Serra, iniciada por Garcia Rodrigues Paes e concluída por Domingos Rodrigues Fonseca, que a batizou de "Caminho Novo".

O "Caminho Novo" foi a origem do município de Juiz de Fora, sendo que o marco inicial da história da cidade foi a construção da estrada do Paraibuna - uma etapa do Caminho Novo - por Henrique Guilherme Halfeld, que motivou o estabelecimento de grandes modificações na região, como a transferência do povoado para a outra margem do rio Paraibuna, após a desativação da passagem pelo Morro da Boiada.

Em torno da fazenda do Juiz de Fora - cujo nome a história não registra, ainda pertencente a Vila de São José do Rio das Mortes, o povoado foi crescendo e a população do Alto dos Passos, origem da cidade, por onde passava a Estrada do Paraibuna - já desenvolvia o plantio do café e a pecuária, o que facilitou o progresso da região que já mostrava indícios de desenvolvimento.(3)

Em pouco tempo, a localidade seria promovida a Arraial de Santo Antônio de Juiz de Fora, sendo que a elevação à categoria de vila aconteceu em 1850, no dia 31 de maio, com o nome de Santo Antônio do Paraibuna, em virtude da doação de um terreno

---

(3) Alto dos Passos - é hoje um bairro da zona sul da cidade.

feito pela família Tostes, destina à construção de uma igreja em devoção ao santo.(4) A vila foi elevada a cidade em 1856, com o nome de Paraibuna, sendo que a atual denominação foi dada em 1865, através de proposta do Barão de São Marcelino À Assembléia Provicial.

Nesta época, Mariano Procópio inicia a construção da Estrada União Indústria, que acelerou o progresso da localidade, pois a estrada ligava Juiz de Fora a Petrópolis, tornando-se de grande importância para o intercâmbio com a Corte, além de destinar ao escoamento da produção, principalmente do café, base da economia local na época. Para a construção da União Indústria, foram contratados imigrantes alemães, que após o término da obra, fixaram residência na vila, fundando a "Colônia de São Pedro", com influências culturais marcantes para a cidade.

Com o ciclo do café, foi implantada a Estrada de Ferro D. Pedro II, que atingiu a cidade em 1870, além de indústrias pequenas e médias que passaram a fazer parte da região. Juiz de Fora é pioneira no setor hidroelétrico, por ter sido construída na cidade, a primeira Usina Hidroelétrico da América do Sul, que colaborou e impulsionou a indústria local, passando a cidade a ser conhecida por "Manchester" mineira.

Nos dias atuais, Juiz de Fora é o segundo município do Estado de Minas Gerais, a principal cidade da Zona da Mata, apresentando grande desenvolvimento, principalmente nas áreas do co

(4) A igreja construída em devoção a Santo Antônio é hoje a Catedral Metropolitana, situada no Centro da Cidade na Av. Barão do Rio Branco, ocupando a área de um quarteirão.

mércio e indústria, com destaque especial para malharias. É bem recente na região de Juiz de Fora a presença de indústrias de base - como a Siderúrgica Mendes Junior, a Paraibuna de Metais e outras, que trouxeram inúmeras transformações no ambiente, físico e no aumento da população. A cidade possui também, a Universidade Federal de Juiz de Fora, onde também estudam jovens provenientes de outras cidades da Zona da Mata.

Além da Universidade Federal, Juiz de Fora possui mais três entidades particulares de nível superior, que oferecem cursos noturnos possibilitando aos jovens e adultos que trabalham durante o dia e para os que moram em outras cidades vizinhas, uma formação de nível superior.

Bem no coração da cidade, perpendicular à Av.Rio Branco, servindo de linha de demarcação dos limites entre o norte sul, está o calçadão da rua Halfeld, lugar de encontro dos estudantes, dos profissionais liberais, em determinadas horas do dia, além de servir de passagem obrigatória para os que trabalham no centro da cidade. A rua possui o mesmo valor simbólico que as pracinhas da igreja matriz, espalhadas pelas pequenas cidades de Minas afora.

O calçadão da rua Halfeld é o local do comércio e do movimento bancário, principalmente, pois a maior parte das Agências bancárias ali se localizam. Nove galerias servem de espaços transitórios entre o calçadão e a rua Marechal Deodoro de um lado, com 4 galerias e a rua São João Nepomuceno de outro com 5 galerias, ruas igualmente importantes por seus comércios. Estas galerias se encontram em um trecho do calçadão que vai da

Av. Barão do Rio Branco à rua Batista de Oliveira. Este é o trecho nobre do calçadão, ou o lugar "sagrado" da rua.

A parte baixa da rua, no trecho compreendido entre a Avenida Getúlio Vargas e a Praça de Estação Ferroviária, é um local de comércio, bastante fraco, onde se localizam também alguns hotéis. A rua neste trecho serve de passagem para os que durante o dia nela transitam de um lado para outro da cidade. À noite, este era um local de intenso meretrício, hoje apenas a permanência de alguns hotéis para encontros lembram aquela época, e o movimento da rua é bem menor à noite. Mas ainda é considerado o lugar "profano" da rua.

A noite da cidade

É à noite que aparecem com maior nitidez, as condições e contradições da vida na cidade de Juiz de Fora. Durante a semana o movimento de pessoas é pequeno, pelas ruas centrais, no calçadão da rua Halfeld repleto durante o dia, é vazio à noite; também no parque Halfeld, jardim situado na parte superior do calçadão, do outro lado da Avenida Barão do Rio Branco. Por estes locais transitam à noite, os estudantes - indo e vindo de seus cursos. Há também outras pessoas que habituaram-se a perambular pelo centro da cidade, como era costume se fazer à noite anos atrás, antes da cidade ganhar características de cidade grande.

Os bairro são bastante residenciais, principalmente os da zona sul. Há, entretanto, inúmeros bares, no estilo moderno, muitos deles com cadeiras e mesas na calçada. Há lan

chonetes e alguns restaurantes, espalhados por toda a Avenida Barão do Rio Branco e ruas adjacentes. A freqüência nestes locais é pequena durante a semana, principalmente em noites mais frias.

O estilo de vida que predomina na cidade, durante a semana é da vida em família, as condições que a cidade oferece, privilegia este estilo de vida. A cidade possui muitas das conveniências de uma metrópole e, ao mesmo tempo, predomina características de cidade do interior. Assim há bastante colégios, algumas creches, parques, clubes, restaurantes, bares, supermercados, comércio intenso, indústrias e transportes que facilitam a vida das famílias, principalmente as de segmentos de classe média, por ser uma cidade onde as pessoas trabalham, estudam e criam seus filhos com a tranquilidade que as cidades do interior oferecem.

Nos fins-de-semana, o movimento é intenso. Juiz de Fora é uma cidade de jovens, embora a maior parte deles resida na cidade para estudar. A noite da cidade a eles pertencem. Esta é talvez a mais peculiar, das contradições da cidade. Durante a semana os jovens estudam e participam da vida familiar. Os encontros na rua acontecem em geral, durante o dia na porta das lanchonetes, ou na saída dos colégios, nos clubes e no calçadão. Mas é nos fins-de-semana que a cidade ganha vida à noite. Os bares estão sempre lotados de jovens, deste 21 horas até alta madrugada.

Os barzinhos são os pontos de encontros dos jovens em Juiz de Fora. Eles representam o espaço aberto para juventude. O final-de-semana, que também representa o interstício de

tempo entre os dias úteis da semana é o espaço da sociabilidade. Não só os bares mais a calçada, o quarteirão tornam-se nos fins-de-semana o lugar da sociabilidade. Da construção da vida coletiva longe da individualidade dos lares.

Juiz de Fora serve de residência transitória para muitos jovens, principalmente os universitários, que permanecem na cidade somente durante o período das aulas e retornam as suas cidades de origem nos feriados prolongados, nas férias escolares ou quando terminam seus cursos. Os mais novos, em geral, de 14 à 18 anos pertencem à famílias que moram em caráter permanente na cidade.

As famílias com residência permanente em Juiz de Fora, de acordo com a história da cidade, se originam tanto da tradicional família mineira - dos antigos fazendeiros de café, dos pecuaristas, da região ou de regiões vizinhas, antigos comerciantes e profissionais liberais; como também são originários de outras cidades maiores que mudaram-se para Juiz de Fora, por questões de trabalho. A vinda de grandes indústrias para a região nos últimos 15 anos, promoveu um aumento considerável de famílias de profissionais ligados ao trabalho nestas indústrias.

Estes novos segmentos de classe média se misturam aos segmentos mais tradicionais, representados pelas antigas famílias. Dessa maneira possibilitam uma heterogeneidade de estilos de vida e "ethos" contrastantes, sem precedentes na história da cidade. Esses contrantes sociais influenciadores do estilo de vida dos sujeitos tornam-se mais ressaltados entre os jovens.

Devido a crescente modernização de alguns setores da vida urbana, os novos estilos de vida precisam encontrar locais apropriados para serem ritualizados e assim assimilados.

O espaço aberto da rua e os locais de encontros dos jovens possuem esta função. São locais onde os jovens ritualizam com seus próprios corpos a falta de sentido que a modernização acelerada provocou. Assim nesses locais se vive o interstício como ausência de sentido. Daí a necessidade de ser um espaço ritualizado, de ser um local que se encontra no limiar entre a casa e a rua, entre o individual e o coletivo, entre o corpo ritualizado pelas expressões dos jovens e o corpo das normas sociais. O espaço da adolescência tenta produzir este encontro,entre os limites que a adolescência engendra.

A ritualização do corpo na adolescência reproduz essa ausência de sentido, que a princípio se assemelha à desordem,dada a complexidade da vida urbana. Os locais de encontros dos jovens tornam-se assim locais apropriados de atualização das experiências que precisam ser ritualizadas para serem entendidas e aceitas como a própria adolescência.

IV - A RITUALIZAÇÃO DO CORPO NA ADOLESCÊNCIA

4.1 - O espaço da ritualização na adolescência

Os rituais do corpo são processos que têm por função antecipar uma realidade que ainda não se materializou. A vida individual, como afirma Van Gennep (1908), "seja qual for o tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra e de uma ocupação a outra". Em sociedade em que as idades e as ocupações são separadas, esta passagem é acompanhada de atos especiais. Nas "sociedades tradicionais simples"[1] como mostra o autor, "há até cerimonias, porque entre eles nenhum ato é absolutamente independente do sagrado. Todas as alterações na situação do sujeito implica em ações e reações entre o profano e o sagrado", (1908: 26).

A passagem da vida infantil para a vida adulta em nossa sociedade, é um estado transitório ou período intersticial, visto que o "status" do sujeito não se encontra ainda, socialmente definido. A entrada na vida adulta em nossa sociedade, principalmente em segmentos de classe média é por isso mesma ritualizada.

---

(1) O termo "sociedade tradicional simples" é utilizado em preferência - a designação dada por Van Gennep (1908), "sociedade ou povo semicivilizado". Outros autores se referem a este tipo de sociedade como, "sociedade primitivas", outros ainda, como DaMatta "sociedade tribais", neste trabalho é utilizado o termo "sociedade moderna complexa", para designar a sociedade da civilização ocidental, visto ser esta o universo desta pesquisa.

Van Gennep (1908), define os ritos de passagem como ritos que acompanham toda mudança de: - "lugar, estado, posição social e de idade". Estes ritos como mostra o autor, se caracterizam por três fases: - separação, limen (limiar) e agregação. A separação abrange o comportamento do indivíduo ou grupo, do ponto anteriormente fixado na estrutura social. O limiar é a fase intermediária, onde as características do sujeito são ambíguas, o domínio cultural que o sujeito atravessa tem pouco a haver com o que ele conhece. Na terceira fase consuma-se a passagem, o sujeito ritual permanece num estado relativamente estável e, passa a possuir novos atributos e deveres perante os outros sujeitos definidos na estrutura social.

Pode-se afirmar que a ritualização da adolescência,em nossa sociedade, visa construir o espaço do sujeito na coletividade. Dado ao caráter ambíguo dos atributos do jovem na sociedade moderna, a adolescência escapa à rede classificações simbólicas, que determinam os espaços e posições sociais em nossa cultura. O espaço da adolescência é o espaço do interstício social, da "limiaridade" ou o espaço de pessoas "limiares".

A este propósito, José Carlos Rodrigues, comenta:

> Para as culturas, tudo que evolui, tudo que muda, deve ser previsto e enquadrado em categorias, de forma que qualquer mudança seja uma passagem de uma categoria à outra... Contudo, os limites que separam uma categoria da outra, por não pertencerem completamente nem a uma nem a outra categoria, tendem a desafiar o sistema de classificação e a ameaçá-lo de crise; daí toda sociedade estabelecer procedimentos rituais específicos, que são operações destinadas a exercer um certo grau de controle sobre estes momen

tos transitórios e intersticiais, (1983: 80).

Mesmo possuindo, como qualquer cultura, mecanismos controladores, a sociedade brasileira, devido a complexidade atingida pela sua estrutura e organização social, permite espaços intersticiais, que se expressam em uma efervecência de comportamentos anômicos.(2) A anomia que tem por função desafiar o sistema de classificação simbólica, ameaçando "violar as regras sociais", pode reconduzir o sujeito ao "nomos" regulador da sociedade através de procedimentos ritualizados como: - as festas, que são espaços de intensa sociabilidade, os locais de ponto de encontro dos jovens, em nossa sociedade.

Nestes momentos intersticiais não chega a ocorrer uma violação das regras, mas o que se observa é uma suspensão das coersões sociais, onde a desordem ocupa um tempo e um espaço necessários, para que o sujeito perceba e organize a sua realidade objetiva e subjetiva carente de ordem.

A ritualização, tal como é descrita por Van Gennep, se encontra também presente, nas manifestações anômicas da adolescência e é nos pontos de encontros dos jovens que mais se pode apreender a força de suas expressões. Expressões que se encontram na forma ritualizada dos corpos dos jovens. Assim os disfarces como a "máscara", o colorido das roupas, os adornos do corpo, a pintura, os adereços do cabelo, a tatuagem e os

---

(2) O comportamento anômico característicos das transformações sociais é descrito por Sigelmann, (1982), em um estudo psicológico, que a autora empreende em um contexto brasileiro.

gestos, sempre acompanham os rituais que obedecem à códigos específicos que todos parecem seguir. O jovem, deste modo, se representa coletivamente.

O corpo na adolescência é o principal instrumento com o qual e através do qual o jovem decompõe e recompõe suas fronteiras simbólicas. As formas de expressão, dos seus sentidos, suas emoções, seus disfarces e de sua sexualidade, são mecanismos simbólicos utilizados na construção social de seu corpo. A dimensão do corpo, através dos mecanismos simbólico e ritualizações passa a ser percebida como algo bem diferente, do que, um simples elemento da "natureza". O corpo é re-interpretado pela cultura, visto que o jovem se representa coletivamente. À medida que ele se expressa, através de seu corpo, mesmo nas formas mais individualizantes, ele reproduz e representa os símbolos de sua cultura, isto é reintegra-se ao "nomos" ordenado e assim ganha um significado.

A sociabilidade presente no espaço de ritualização da adolescência, facilita as expressões sexuais do corpo, onde o sujeito se re-apresenta. Maffesoli (1984), descreve estes espaços de sociabilidade ou "socialidade", como uma "centralidade subterrânea", que está sempre presente nos interstícios entre o individual e o social. A centralidade subterrânea, em Maffesoli, é um mecanismo dinâmico estruturante, que centrado na aparência, sob todas as suas formas, permite as múltiplas situações e atos sociais, que regulam e integram o sujeito em sua cultura. Ela enfatiza o presente, que entra em cena, como um tempo e um espaço onde o sujeito se re-apresenta e,constrói

ilusões sob várias máscaras e matizes. Como os disfarces, que permitem ao jovem em nossa sociedade, antecipar uma vida que ainda não se materializou.

As ritualizações são centradas na "socialidade" tal qual a iniciação que prepara para a integração. Ao examinar como o "eu é um outro", ou como é que partindo do outro, determina-se o "eu", os disfarces permitem que o jovem, se re-signifique. As atividades expressivas na adolescência são portanto,em função de um tempo presente, onde elas se realizam e se ligam, invariavelmente, à procura de um significado.

O jovem, em nossa sociedade, está bem próximo, em alguns aspectos das entidades limiares das sociedades tradicionais simples, descritas por Turner (1966). Estas entidades, como ele observa: estão no "meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pelas normas sociais. Seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma rica variedade de símbolos, que ritualizam as transições sociais e culturais", (1966: 117)." O limiar é freqüentemente comparado à morte, ao estar no útero à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse do sol ou da lua.

Os rituais da adolescência em nossa sociedade são também "momentos de limiar", onde a vida destituída de significado, se confronta com a morte. Assiste-se nestes momentos, um estar dentro e fora do tempo, dentro e fora da estrutura social. Bem diferente entretanto, é a forma de como esses momentos são vividos. Nas sociedades tradicionais simples, a situação limiar é uma das partes do processo ritual, onde o sujeito experencia

a perda de seu antigo status, lança-se na ambigüidade do limiar, para depois passar a reintegrar-se, nas normas da estrutura social de sua cultura, com um novo "status".

Na sociedade moderna, entretanto, à medida que esta se complexificou, as características específicas que regulavam os rituais de passagens, foram também afastadas e o sujeito se viu compelido ao exercício angustiante de sua própria espontaneidade. A espontaneidade, que está bem mais próxima do simulacro, entendido aqui como uma reduplicação de si mesmo do real onde as ideologias individualistas encontram campo fecundo.

A função individualizante moderna exige uma separação radical, por parte do sujeito, entre "si mesmo" e seu papel social. Os espaços de ritualização da adolescência são preenchidos por uma multiplicidade de "si mesmo", isto é, de sujeitos individuais, sem papel social ainda definido, que se lançam em experiências indiossincráticas, buscando na heterogeneidade dos múltiplos domínios da sociedade urbana construir sua identidade individual. Assim vários sistemas de valores podem ser encontrados, atuando nestes espaços de ritualização.

4.2 - A função do corpo na ritualização

O corpo e seus atributos passam a ser, nos espaços de ritualização, um instrumento nivelador capaz de permear os diferentes sistemas de valores sociais, através de estratégias que se ligam a construção de um discurso de valorização do corpo. É importante observar que é através do corpo que se chega a

"noção do Eu"; porque o primeiro Eu percebido pelo sujeito é o Eu corporal.

Mauss (1971) observa que tanto a pessoa, quanto a "noção do Eu", são construídas historicamente nas diferentes culturas. Os rituais de construção do corpo, deste modo, se encontram sempre presentes nas sociedades. Mesmo naquelas em que o indivíduo é parte de uma totalidade, como acontece na maioria das culturas conhecidas, onde o que se valoriza, é a hierarquia social, e não o sujeito (Dumont, 1966). É através destes rituais que a pessoa adquire um "status" no sistema hierarquizante de sua sociedade.

O corpo é o principal instrumento que liga o sujeito ao seu mundo; é através dele que o sujeito percebe o mundo e, é também com seu corpo que o homem constrói um mundo humano. O sujeito se constitue como sujeito, situando-se em relação ao mundo e ao outro. Assim o mundo e o outro são percebidos, com o próprio corpo. O corpo habitado por um sujeito, uma pessoa, uma individualidade, uma personalidade.

Ao estudar a fenomenologia da percepção do corpo, nas dimensões existencial e sexual, Merleau Ponty (1971) critica a psicologia clássica, por esta ter se descuidado do estudo da permanência do corpo próprio nas ações que o sujeito realiza. Ele observa que a psicologia poderia ter conduzido o estudo do corpo não como objeto do mundo mas como meio de comunicação com ele, isto é relacionado ao mundo não como soma de objetos determinados, mas como horizonte latente de nossa experiência,

pois o corpo está presente sem cessar, em nossas experiências, antes de qualquer pensamento determinante.

A ritualização do corpo, tanto na adolescência, como em qualquer outro ritual, é um fenômeno relacionado à comunicação entre os corpos,isto é, do corpo individual com os outros corpos, antecipando uma realidade que não se encontra ainda determinada, isto é, uma realidade que ainda não se concretizou ou se materializou.

O ritual é, portanto, um processo de atualização que estrutura o que ainda não está estruturado. O corpo, que também se estrutura como a linguagem, comunica as mudanças que ocorrem ao nível do sujeito, em função de uma realidade objetiva e subjetiva, carentes de ordem ou de significado. Por isso os rituais do corpo são experiências que se atualizam nos espaços de interstício social.

Nas sociedades indígenas brasileiras, o corpo ocupa uma posição central, enquanto instrumento de construção da pessoa. A este respeito Seeger et. al. (1979) observam as diferenças existentes nas sociedades - umas tomam a vertente interna e exaltam o indivíduo e outras privilegiam a noção social de indivíduo tomando seu lado coletivo como instrumento de uma relação complementar com a realidade social. A "noção de pessoa" como uma categoria é um instrumento de organização social.

Para estes autores, as noções ligadas "a corporalidade e construção da pessoa são básicas nas sociedades indígenas, visto que estas se estruturam em termos de idiomas simbólicos". Os símbolos indígenas não dizem respeito a definição de grupos

e à transmissão de bens, mas a construção de pessoas e à fabricação de corpos. O corpo enquanto matriz de significados sociais ocupa uma posição organizadora central, nas sociedades indígena do Brasil. A fabricação,decoração, transformação e destruição dos corpos são temas em torno dos quais giram as mitologias, os cerimoniais, os ritos e a organização social.

A tecnologia de elaboração do corpo nos rituais de reclusão (puberdade, doença, gestação, iniciação xamanística, luto e sepultamento) se exerce por meio de intervenções sobre os canais de contato entre o corpo e o mundo. Algumas substâncias são, nestas ocasiões, manipuladas podendo ou não entrar e sair do corpo porque colaboram para o seu crescimento e fortalecimento, assim como: o sangue, o semem, alimentos, eméticos vegetais e tabaco.

Seeger et. al. (1979) observava, ainda, que na fabricação do corpo xingu**a**no, "a manipulação de suas entradas e saídas, define o domínio da casa, da periferia da aldeia, do privado e do secreto, enquanto a exibição do corpo é usado como tela, onde se depositam as marcas, o "status" (sexo, idade, papel no cerimonial), que caracterizam o pátio da aldeia, a vida pública, o confronto com outras aldeias da região, o cerimonial.

A fabricação e a reclusão opõem-se assim à decoração e exibição. A exibição das lutas corporais e a dança só existem articuladas à reclusão e a fabricação demorada do corpo. Deste modo aquilo que distingue os indivíduos, seus corpos, transforma-se, na reclusão, naquilo que os identificam.

Viveiros de Castro (1979), que também se interessa pela a fabricação do corpo na sociedade xinguana, mostra que esta deriva-se de intervenções sistemáticas sobre as substâncias que comunicam o corpo e o mundo. As mudanças corporais produzidas por estas intervenções, afirma: "são a causa e o instrumento de transformações em termos de identidade social". Os xinguanos não fazem distinção entre processos fisiológicos e processos sociológicos, ao nível do indivíduo, como observa o autor. Para os Yawalapatis, as transformações do corpo e a posição social são uma e a mesma coisa. Há deste modo uma garantia, de que a fabricação cria o corpo humano da pessoa e apoia-se na negatividade onde é negada a possibilidade do corpo não-humano".

O processo de fabricação do corpo, adquire inteligibilidade em conexão com o de metamorfose, que são momentos de desordem, transgressão, mas que devem ser entendidos como momentos de criação. Pois a metamorfose admite o que a fabricação nega. Ela permite a reprodução da cultura como transcendência.

A reclusão é o momento da metamorfose, onde a comunicação é feita através da linguagem do corpo. "A fabricação do corpo, para os Yawalapiti, na puberdade é efetuada com a reclusão do corpo, pois como eles afirmam, a reclusão é para se mudar o corpo. Não é uma metáfora, mas deve ser entendida ao pé da letra," (Viveiros de Castro, 1979: 48-49) .

Nas sociedades indígenas brasileiras percebe-se que o corpo é utilizado como um instrumento através do qual se fabrica a pessoa e sua identidade social em um mesmo processo dialético, porque enquanto a fabricação do corpo individualiza o su

jeito e o distingue como pessoa, a reclusão do corpo, isto é, o seu desaparecimento, a identifica.

Ao relativizar os processos de ritualização do corpo na sociedade indígena brasileira e na atual sociedade urbana, constata-se que por maiores que sejam as diferenças entre ambas, o estudo destes processos aproxima as duas culturas, pelo fato de que eles se constituem em categorias de entendimento das experiências vividas pelos sujeitos em suas sociedades.

A forma como cada sociedade estrutura as relações sociais dos sujeitos são "sempre formas personalizadas", como afirma, Geertz,(1978); mesmo quando dispostos hierarquicamente em categorias, ou quando individualizadas, são todas formas historicamente construídas pela cultura, aplicadas coletivamente mas são experienciadas individualmente.

O propósito da psicologia da cultura é exatamente, no dizer de Augras (1985),"o de descrever as modalidades pelas quais se constrói e se expressa a pessoa dentro de determinada cultura, e, a partir dessa observação, tentar compreender aspectos fundamentais da realidade humana".

Compreender qual a função do corpo nos processos rituais da adolescência, seja na sociedade indígena ou na atual sociedade urbana significa, entender que: os mecanismos de fabricação do corpo, as técnicas corporais e sua aparência são superfícies que revelam, em profundidade a forma como se constrói a pessoa e o sistema de relações interpessoais em sua própria cultura; em uma visão e "ethos" capaz de dar significado

a sua experiência no mundo.

4.3 - A adolescência e a cultura da aparência

Na cidade contemporânea a ritualização do corpo ganha novos contornos, face o atual sistema industrial de produção seriada. As máscaras e os simulacros passam a ser as mais pulgentes expressões das reproduções de modelos, no espaço e tempo dos ritos corporais da adolescência.

Ao analisar as transformações dos valores burgueses, que de valores repressivos, passam na sociedade pós-moderna a valores que incentivam o hedonístico consumo de massa, de satisfação imediata dos desejos e de gratificação psicológica; Muniz Sodré (1984) observa, que uma das principais conseqüências das transformações dos valores burgueses e da mutação ideológica se encontra no "enfraquecimento da antiga esfera pública burguesa". Ao "despolitizar-se", afirma "em vez de uma consciência política inflamada, a nova esfera "pública", comporta melhor a consciência passiva do sujeito-consumidor, confinado ao seu bem-estar "privado", (1984: 27)".

O novo estilo de vida privatizado possibilitou em contrapartida, a integração das diferentes camadas sociais (a burguesia, as classes médias, operários, subempregados), através da "cultura objetivada" que as novas tecnologias geraram. Sem possibilidade de criar por si própria, valores legitimadores, a nova estrutura econômica capitalista encontra na cultura de massa um meio de organizar e possibilitar aos diversos grupos soci

ais, modelos "universalizantes" de comportamentos.

A uniformização gerada pelo sistema industrial de produção seriada, provocou a difusão de valores morais liberalizantes que permeiam os vários domínios de diferentes grupos sociais, abolindo ou afastando muitas das fronteiras simbólicas que, anteriormente, legitimavam e hierarquizavam as relações sociais.

O jogo de simulacros que estes modelos produzem encontram na faixa etária dos jovens, principlamente os provenientes dos segmentos de classe média, um campo próprio para a sua maior difusão. Os jovens, pertencentes aos "recursos latentes" da sociedade, são requisitados como potencial de consumo. A cultura jovem, a valorização dos rituais da aparência do corpo são formas de reprodução de simulacros, que escamoteam outras formas de experiência da realidade, onde a busca da satisfação pessoal, são cada vez mais intensificadas pelo prazer de "consumir".

Muniz Sodré (1984) observa o "simulacro" pela intensificação dos efeitos que o aperfeiçoamento profundo da tecnologia de reprodução da imagem no século XX, provocou. Ele define o simulacro como:

> a produção artificial (mecânica, química-eletrônica) de uma imagem, que não precisa referir-se a um modelo externo para a sua aceitação, mas também não funda nenhum valor de originalidade, isto é, não se instaura como modelo original, nem gera imagens ambivalentes, como a obra de arte. Tal qual a imagem de Narciso no espelho, o simulacro é inicialmente um duplo ou uma duplicação do real. A imagem no espelho pode ser o reflexo de um certo grau de identidade do real, pode encobrir ou deformar essa realidade, mas também po

> de abolir qualquer idéia de identidade, na medida em que não se refira mais a nenhuma realidade externa, mas a si mesmo, a seu próprio jogo simulador (1984: 28-29).

O simulacro separa a imagem enquanto reflexo ou duplicação do real, produzindo uma subjetividade autônoma, com uma lógica própria e imanente pelo apagamento da diferença entre o real e o imaginário, entre o falso e o verdadeiro, entre o desvio e a norma e, onde o "olhar" é cada vez mais solicitado, visto a superposições de imagens que o jogo de simulacros reproduz.

A cultura da aparência é, assim, baseada e fundamentada no visual. É através do olhar, do ser visto, da produção de fetiches de imagens , possibilitadas pela tecnologia moderna, que a "socialidade" se instaura. A produção do conhecimento, da pedagogia moderna, da instrução programada, onde o falso e o verdadeiro, são proposições, dependendo muito mais da subjetividade do autor do texto do que do conhecimento da realidade objetiva do aluno, que é programado para dar respostas que "simulam" a realidade do contexto.

Assim todo saber é uma simulação, que não transmite conhecimento algum que seja produtivo, transformador ou criativo. Ele imprime e reproduz marcas, símbolos, em redes integradas de transmissões (tele-comunicações), que efetuam a rapida circulação de *modelos* no espaço atomizado da urbanização.

Ao analisar como a nova tecnologia das comunicações engendram a *forma social*, como uma nova maneira de estruturar as relações humanas, Muniz Sodré (1984) comenta: "a infra-estrutura telecomunicacional é destinada a "lubrificar" ou manter

em situação de controle psicológico a mão-de-obra de reserva, essa superestrutura legitima-se com discursos de entretenimento, educação e comunicação global, (1984-39)".

As expressões de um discurso liberalizante, onde as "liberdades pessoais" são estimuladas por *modelos* produzidos para consumo. Estes dão a "ilusão" de um conhecimento ou de um saber, visto a facilidade de sua difusão, pelo mero trânsito num meio de circulação. As relações sociais são fortemente marcadas por este *modelo*, onde a ilusão de uma sociabilidade, transforma a procura do outro, na busca incessante de si mesmo.

A cultura da aparência e suas expressões são reproduções de simulacros, que aparecem no discurso dos jovens como *formas sociais* legitimadas. Expressões, tais como: "azarar", "ficar com", são usadas pelos jovens para diferenciar os níveis de seus relacionamentos interpessoais revelando uma sociabilidade construída no contexto da aparência, numa simulação da realidade que é bem mais contraditória do que possa aparentar.(3)

Ao levantar a hipótese de "uma afinidade estrutural entre o uso crescente de drogas por parte de jovens das classes médias e o aparecimento de novas tecnologias de relações sociais", Muniz Sodré (1984) admite a existência de um *modelo* capaz de: - primeiro abolir o que resta da organicidade comu-

---

(3) "azarar" e "ficar com" - são expressões difundidas entre os jovens, para expressar a versão moderna do antigo namoro e do *flirt*. Como estes, possuem também suas regras. Para um estudo mais aprofundado do tema, veja-se - "As Regras do Namoro à Antiga, Thales de Azevedo (1986).

nitária (desde a família até a vizinhança) nos laços interpessoais, atomizando os indivíduos no espaço urbano e fixando os "sujeitos consumidores" ou "sujeitos funcionais". Em seguida, o mesmo *modelo* promove a imersão do sujeito (seu aniquilamento) num teleuniverso funcional e abstrato, mas fascinante porque *narcísico* e gerador de sentimentos de autoconservação, onipotência, liberação de consciência, gratificação hedonística e auxílios psicoterápicos para a fruição plena e democrática do desejo. O *modelo* é enunciado através do discurso "encenado" por "figuras modelares" - tais como: as elites culturais, econômicas e até atores profissionais participam das "imagens" do grupo social.

Toda esta ordem, apontada por Muniz Sodré, opera abstratamente ao nível do discurso de imagens, signos, sinais, sons, máscaras, simulacros que permeiam o espaço da sociabilidade, da festa, dos pontos de encontro dos jovens, dos bares, onde a angustia se mistura à diversão, e às ambivalências ao nível do real - que podem levar o sujeito a tentativas *dionisíacas* de realização da onipotência narcísica. A droga e a intensificação da libido homossexual fazem parte deste investimento onipotente e individualista, mas ao mesmo tempo contraditório, pois todo narcisista depende dos outros para validar sua auto-estima.

Assim o sexo liberado, passa a ser, na nova ordem "social-narcísica", o *modelo coletivo* de relacionamento com o mundo. O sexo liberado, ao contrário do que possa parecer, não diminui a repressão sexual, ele apenas a desloca. Ao tor

nar-se uma forma "obrigatória" de relacionamento, ele provoca a homossexualização, que na versão pós-moderna, se caracteriza pela valorização do feminismo, como mecanismo homogeneizante dos sujeitos-consumidores.

Em outras palavras, o sexo liberado contribui para a abolição das diferenciações simbólicas entre homem e mulher, masculino e feminino. Este apagamento da diferença leva, não só os jovens, mas os "sujeitos-funcionais ou sujeitos consumidores", a consumirem-se, nos próprios atos sociais. Na miragem, como *Narciso*, do simulacro de si próprio.

As "irrealidades" põem em risco a realidade subjetiva, visto que esta é construída pela internalização das diferenciações simbólicas, como mostra Berger (1985). A anomia que se instaura nos diferentes domínios urbanos, colocam também em risco a totalidade do sujeito e do mundo.

A ritualização do corpo na adolescência é a expressão do vazio, que tenta resgatar o que o ocultamento da diferença provocou. A procura de uma re-significação vem a ser, portanto, a busca de um significado na ordem social. Deste modo, o corpo narcísico é indiferenciado, é o corpo da morte, ou a morte do corpo. Ritualiza-se o corpo nas sociedades xinguanas, para torná-lo humano e assim negar a possibilidade da fabricação de um corpo "não-humano". Na nossa sociedade face a crescente objetivação do mundo, principalmente no espaço urbano, que privatiza e individualiza; o sujeito é conduzindo a negação das suas possibilidades humanas.

É no estudo empírico da adolescência, em um espaço urbano como o da cidade de Juiz de Fora, onde valores tradicionais se misturam aos valores modernos, que se pode analisar a adolescência como um período de interstício social.

A função do corpo no espaço intersticial permite entender a adolescência, na cultura da aparência, que o sistema produtivo possibilitou. A adolescência torna-se assim, uma categoria ideológica de improdutividade do corpo, ou de negação de uma função produtiva do corpo, que se manifesta através dos atos, gestos, movimentos, linguagem do jovem, nos espaços intersticiais.(4) No espaço anômico, onde a desordem, a efervescência de comportamentos contrastantes revestem as ritualizações do corpo, como formas de atualizar a experiência do jovem. São portanto, espaços onde se vive intensamente o presente.

A respeito da improdutividade do corpo, Maffesoli (1985), comenta:

> O desregramento, faz com que a hipoteca ao funcional, ao utilitário e ao produtivo se veja abalada. Isto permite ainda a expressão, de um modo mais ou menos nítido, desta androginia mítica e primordial, que se pode detectar em variadas formas de comportamento da juventude contemporânea. Desta forma os costumes, por um tempo, se alargam à medida de potencialidades sempre presentes no próprio corpo, como no corpo social. E é esta ampliação indomável, algo desordenada, que se subtrai no controle do poder sobrelevante. (1985: 110).

---

(4) A respeito de como as classes sociais fazem uso do corpo, no sistema produtivo da sociedade, veja-se Boltanski (1979).

Este desregramento, na sociedade urbana é o espaço do interstício social, que ao mesmo tempo, se torna necessário e legítimo para corrigir a "instância sobrevalente", como observa Maffesoli, "em relação à vida societal, à sociabilidade de base; é isto que restabelece um equilíbrio, então comprometido pela supremacia de um valor particular".

A "instância sobrevalente" apontada por, Maffesoli (1985), se refere as formas de coersões que estruturam a sociedade e secularizam as "funções sociais". É deste mecanismo que o jovem se sente excluído, por não possuir uma função social. É na aparência de seu corpo, na ritualização dos espaços intersticiais, que se pode apreender como a desordem, exibe uma arquitetura fecunda, na elaboração de seu corpo e na procura de um significado.

V - O TRABALHO DE CAMPO

O objetivo desta pesquisa surgiu a partir de reflexões teóricas sobre o tema *Adolescência*, que levaram a entendê-la como um período de interstício social; isto é - como o espaço de tempo compreendido entre os limites que separam as categorias sociais de classificação simbólica de uma cultura.

Assim a adolescência na sociedade moderna é o período de tempo que separa a infância da vida adulta, podendo existir múltiplas formas de adolescência nos diferentes contextos simbólicos de uma mesma cultura, principalmente numa sociedade complexa moderna, como a nossa.

Considerou-se que seria de grande interesse para o trabalho em psicologia clínica, realizar um estudo com os jovens, para compreender como eles viviam suas experiências no espaço de tempo intersticial, que os separava da vida adulta. Duas questões se colocaram de imediato:

- que experiências pretendia-se investigar e onde investigá-las?
- que jovens poderiam fazer parte do universo da pesquisa?

De início passou-se observar o movimento dos jovens em seus espaços abertos, públicos, como os locais de encontros. Os locais de encontro, são, em geral, uma rua, um bar, um local de diversões e as adjacências das escolas, onde os jovens

estudam. Notou-se que era nos fins-de-semana, que os jovens se reuniam, em maior número nos diferentes espaços da cidade.

Desde o princípio da pesquisa, foi decidido realizá-la na cidade de Juiz de Fora, face às características que a cidade comporta, tais como foram descritas em capítulo anterior. O trabalho de observação do campo tinha por objetivo, analisar como os jovens constroem a passagem da vida infantil para a vida adulta e como eles se percebiam nestas experiências. Investigou-se assim, as manifestações dos jovens em um plano de exterioridade, na exterioridade de seus corpos, nos movimentos em que manifestam nas relações com seus próprios corpos e com o mundo. Uma vez que o corpo é o principal instrumento pelo qual o jovem se liga ao mundo e compartilha suas experiências. Assim os jovens que tomariam parte na pesquisa deveriam ser aqueles que freqüentavam os locais de encontro. Restava escolher o local. Nos espaços urbanos das cidades, estes locais em geral, possuem vários códigos que marcam suas fronteiras simbólicas e são como mapas que orientam a entrada e saída das pessoas que deles fazem parte.

Houve logo de início uma sensação de estranheza, que esteve presente todo o tempo da pesquisa. Assim como não foi difícil notar que havia uma demarcação de fronteiras simbólicas nos locais de encontro dos jovens, a preocupação era entender como poder-se-ia observar, um destes locais, sem dele fazer parte e, sem sentir as experiências dos jovens como práticas estranhas?

Com relação à pesquisa de campo, Caiafa (1985) observa que: "o estranhamento é antes de tudo um estranhamento de

si mesmo; portanto, para o pesquisador um movimento interno do pensamento no seu exercício com os conceitos teóricos e com as experiências no grupo estudado" (1985: 22). É deste exercício que consiste a "especificidade" da pesquisa.

A estranheza passou a fazer parte constante da pesquisa e, foi sentida ao não conseguir em muitas ocasiões, lidar com meus próprios códigos simbólicos, no universo da pesquisa. Em geral, as formas de delimitação de um campo, não são suficientes para evitar a estranheza, elas ocorrem em qualquer sentido.

Tentou-se selecionar os jovens que participaram da pesquisa, de acordo com os segmentos sociais a que pertenciam, visto que a preocupação básica seria de analisar jovens de algum segmento de classe média. Tal prática foi impossível. Os locais de encontro dos jovens são espaços abertos a manifestações características dos espaços intersticiais, locais onde a suspensão das normas sociais", produz uma multiplicidade de códigos simbólicos que se relacionam em um mesmo espaço.

Optou-se, então por delimitar o campo da pesquisa a apenas, um destes locais, selecionando-o de acordo com o movimento de jovens em fins-de-semana e pela localização do lugar. Este era freqüentado por jovens na faixa etária de 14 aos 18 anos, esta era a faixa etária que interessava para a pesquisa. O lugar era o trecho de uma rua, que compreendia um quarteirão na parte sul da cidade. Era um local de encontro de jovens que possuíam uma certa facilidade de acesso ao bairro (São Mateus), em sua maioria, jovens pertencentes aos vários segmen

tos de classe média,[1] outro aspecto importante da pesquisa.

5.1 - O Método de pesquisa:

- A observação participante

Investigar as formas de expressão dos jovens, em suas estratégias de construção do tempo e do espaço no local de encontro escolhido, foi um dos alvos centrais do estudo. Pretendendo-se observar como as experiências vividas neste local, no período de interstício social da adolescência, contribuem para a construção de sua identidade.

Esta observação, entretanto, conforme logo foi percebida não poderia ser feita de "fora", ou melhor dizendo, à distância. Era imprescindível observar o local de encontro dos jovens, fazendo parte dele, como alguém que está entre os jovens, em seu campo de atuação, onde não pudesse haver subordinação de um pelo outro.

A observação participante configurou-se como a melhor metodologia para este tipo de pesquisa, pois sua especificidade consiste - "na oportunidadde de conhecer de *dentro* uma prática social concreta, estudar um grupo, a partir de uma experiência com ele, participar dos momentos de atualização de seu funcionamento" (Caiafa, 1985: 23).

---

(1) Segmentos de classe média: termo utilizado aqui para indicar as várias tendências da classe média no meio-urbano, com diferentes visões de mundo e "ethos". Tal como observa Velho (1981).

A dinâmica do funcionamento do local de encontro era, exatamente, o que se precisava conhecer, visto que os momentos de atualização de um grupo em funcionamento é algo que ultrapassa sua própria dinâmica, por isso são, em geral, momentos de ritualizações. Mas como compreender o significado destes rituais? Como entender de que modo eram colocados em funcionamento e o que atualizavam?

Percebeu-se que dentro desta perspectiva, a psicologia da cultura poderia fornecer um respaldo enriquecedor na orientação da pesquisa de campo, porque ela é capaz de conjugar, conceitos e procedimentos metodológicos da antropologia com subsídios retirados da fenomenologia. E tal como esta, numa conjugação de familiaridade e estranheza.

Deste modo, o metodologia da observação participante encontra na antropologia sua especificidade, enquanto a fenomenologia permite, como observa Augras (1985), quando se refere a esta como suporte da Psicologia da Cultura, "reconhecer que o único modo de aproximar-se da realidade do outro é construir pelo diálogo com esse outro, o testemunho do encontro", (1985: 106). Era este o caminho, a percorrer nessa pesquisa de campo.

Com o intuito de sistematizar as observações realizadas foi feito um diário de campo que registrou os dados e informações colhidas durante o período de investigação, bem como foram realizadas entrevistas com os jovens e algumas gravações com o consentimento dos mesmos. As gravações só puderam ser realizadas após os jovens terem aceito minha presença entre eles.

5.2 - Considerações sobre o universo pesquisado

Comecei a freqüentar o local de encontro dos jovens com uma amiga, bem jovem. Era um fim-de-semana, em fevereiro de 1986. Havia pouca freqüência de jovens, no local, devido as férias que ainda não haviam terminado, muitos estavam viajando. Pude observá-los mais de perto, desta vez. Minha amiga não conseguiu encontrar outros jovens que conhecia, no local. Percebi, que, devido a nossa diferença de idade, minha companhia a constrangia um pouco. Por diferentes motivos, nos sentimos separadas dos outros. Mesmo assim, pude perceber algumas regras explícitas do lugar. Observei, por exemplo, como os jovens se movimentavam, naquele espaço, e como o demarcavam. Contudo, não conhecendo os jovens que freqüentavam aquele trecho, não podia ir além. Teria que tentar outra forma de me aproximar deles.

Resolvi procurar alguma moça ou rapaz que conhecesse bem aquele trecho e que, também, pudesse me introduzir, de algum modo, no meio deles. Foi quando conheci Cláudia, uma jovem de 14 anos, sobrinha de uma amiga. Ela freqüentava o lugar e muitas de suas amigas e amigos também. Aprendi com ela de que maneira poderia ser introduzida no meio dos jovens, além de algumas regras básicas para participar daquele universo.

Era preciso ir constantemente ao local para ficar conhecida, principalmente se acompanhada de jovens que freqüentavam o ponto de encontro. O mais importante, contudo, era vestir-se, tal como eles se vestiam. Era, também, necessário, adotar alguns de seus gestos, sem exageros, é claro. Como por

exemplo mascar chicletes, andar de um lado para outro no percurso do lugar. Parar para conversar com outros jovens no meio da rua ou encostada em algum carro ou na parede das casas e prédios. Deveria usar lentes de contato e não óculos, andar de tênis, nunca de saltos altos. Trajando-me como os jovens daquele lugar, estaria minimizando a diferença de idade e conseguindo meu passaporte de entrada.

Uma das formas de se entrar no universo de uma pesquisa e ser "aceita" pelas pessoas que dele fazem parte, é a adoção do "sistema vestimentar" que o rege.(2) O corpo, seus gestos, suas máscaras e sua aparência é, comprovadamente, um instrumento de ligação. Um instrumento de mediação entre os sujeitos, entre o eu e o outro.

Referindo-se ao universo de sua pesquisa com garotas de programa em Copacabana, Gaspar (1985), comenta que "o apelo sensual da vestimenta e o uso de saltos altos são indispensáveis entre as garotas".

Os símbolos não-verbais que a roupa comporta possibilitam tanto a aproximação quanto o afastamento, ou ainda uma familiaridade ou uma estranheza entre as pessoas, principalmente para os que vivem no meio urbano homogeneizante. Na sociedade urbana estes símbolos sobrepõem-se às diferenças de idade, no plano da aparência.

---

(2) Pitt-Rivers (1971) utiliza a expressão "sistema vestimentar", analisando valores como honra, vergonha e posição social nas sociedades mediterrâneas.

Cláudia orientou-me que, quando saíssemos juntas, eu deveria estar bem "transada", bem "doidona", para não parecer "careta", assim poderia circular no grupo sem problemas. Ela foi meu ponto de referência durante todo o tempo da pesquisa. Sentia-me à vontade com ela. Ao saírmos pela primeira vez juntas, fui buscá-la em sua casa. Seus pais marcaram a hora para trazê-la de volta. Ela costuma ir sozinha ao local, mas desta vez, parecia ser a primeira vez.

Fui assim, sendo introduzida ao grupo de Cláudia. Ela conhecia a maioria das moças e alguns rapazes que freqüentavam o lugar. Apresentáva-me a todos como uma amiga, que estava a fim de conhecer o local. No princípio, quase não fizeram perguntas. Com o passar do tempo, alguns começaram a estranhar minha presença sempre ao lado de Cláudia, ou de uma de suas amigas, Magalí e Dinorah, enquanto outros me receberam como alguém que pertencia ao grupo.

O grupo de Cláudia, não chegava a ser bem um grupo, pois não possuía as características de grupo. O próprio movimento do local, não configurava a formação de grupos, mas de jovens circulando entre colegas, conhecidos, amigos em comum e demais. Refiro-me, aqui, ao grupo de Cláudia, como sendo as pessoas que ela conhecia e que também freqüentavam o lugar, e, que se cumprimentavam quando passavam por perto ou quando paravam para conversar.

5.2.1 - Os locais de encontro

No início da pesquisa havia escolhido um local, onde o movimento de jovens era intenso nos fins-de-semana. Era um trecho da rua São Mateus - entre as ruas Dr. Carlos Chagas e Dr. Romualdo. A rua é a principal do bairro, que tem o mesmo nome, São Mateus. O bairro fica dentro do perímetro urbano da cidade de Juiz de Fora, na diração sul.

Um bar, chamado "Balcão" freqüentado por jovens deu origem ao movimento do lugar. Neste trecho, por ocasião da pesquisa, havia cinco bares, além do Balcão, e de outros localizados nas ruas transversais. As antigas residências da rua cederam lugar aos novos prédios que alí foram construídos, algumas que restaram, transformaram-se em bares ou restaurantes, sendo poucas as que permaneceram como residências.

Os três ou quatro andares dos novos prédios são apartamentos residenciais, enquanto o andar térreo é destinado a lojas, onde bares e outros tipos de comércio se instalaram. O comércio misturou-se às residências, onde a casa e a rua se conjugaram dada a valorização do espaço urbano.

Dois dos bares ali localizados, na ocasião do trabalho de campo, possuiam mesas projetadas na calçada. Os jovens que circulavam no trecho não ocupavam as mesas. Nelas sentavam-se os casais ou grupos de amigos, que em fins-de-semana se reuniam nos bares, para beber e conversar.

Os jovens, às vezes, entravam em um dos bares, compravam suas bebidas,que eram servidas em copos plásticos e, em se

guida, retornavam à rua. Alí, enconstados nos carros estacionados ou em pé na calçada, bebiam e conversavam, enquanto o copo de bebida circulava de boca em boca. Poucos deles andavam com dinheiro, apenas dispunham do suficiente para a condução e um refrigerante.

Entre os jovens muitos fumavam cigarros. As moças, mais que os rapazes, em geral estas não tinham cigarros e pediam aos amigos que passavam. Os pais de Cláudia, por exemplo, não permitiam que ela fumasse em casa. O hábito de pedir cigarros era intenso no local.

Além do movimento dos jovens, alguns carros às vezes, passavam pelo trecho da rua, lentamente, caso contrário poderiam atropelar as moças e rapazes encostados nos carros estacionados ou mesmo em pé no meio da rua.

A polícia, também fazia parte do lugar. Os policiais ficavam nas extremidades do ponto. Dois policiais de cada lado e um carro de polícia ficava estacionado nas proximidades. Os policiais, às vezes, também circulavam no trecho de uma esquina à outra. A convivência dos jovens com a polícia era pacífica. Nunca presenciei atritos entre eles. A presença da polícia parecia não constrangí-los.

Nas férias de julho de 1986 o local passou a ser pouco freqüentado pelos jovens. Em Juiz de Fora nas férias, observa-se um fenômeno peculiar, a maior parte das pessoas viajam, principalmente a população que freqüenta os lugares da moda, ou os locais de diversões noturnas.

Em agosto de 1986, quanto retornei à pesquisa de campo, o ponto de encontro da rua São Mateus, estava vazio, havia mudado de lugar. Acompanhei a mudança e fui com Cláudia e as outras garotas ao novo local. Não era mais um trecho de rua. O ponto de encontro passou a ser um lugar de diversões, construído em um amplo terreno, na Av. Barão do Rio Branco, na parte sul da cidade. O local possuía um estacionamento para carros e um jardim ou local de circulação para as pessoas que para lá se dirigiam.

O lugar chamava-se *Murilândia*, antes de tornar-se ponto dos jovens era mais freqüentado por crianças e adultos. Eram poucos os jovens que freqüentavam o local. Havia no lugar um salão para chá e lanches, onde também eram, na ocasião da pesquisa, realizadas festas de aniversários infantis, durante à tarde. A Murilândia possuía, ainda, um varandão coberto com brinquedos eletrônicos para crianças e na parte interna coberta, pistas de boliche, bar e máquinas de jogos eletrônicos para os jovens. O movimento do lugar aumentou, quando o ponto de encontro dos jovens mudou-se para lá.

As características do local eram bem diferentes das do trecho da rua São Mateus. Na *Murilândia* os rapazes e as moças ficavam em pé todo o tempo. Conversavam parados. Circulavam para ir ao banheiro ou mudar de grupo de conversas ou, ainda, quando queriam encontrar alguém. O boliche que ficava na parte interna do local era um tipo de diversão para qualquer idade, havia portanto, no local, casais jovens e vários adultos que lá apareciam para jogar boliche.

5.2.2 - Os jovens dos locais de encontros

Os que freqüentavam os locais de encontros tinham em geral, de 14 à 18 anos, nunca estavam acompanhados por Adultos. Os pais, às vezes, passavam pelo local de carro para observar seus filhos. Algumas vezes, quando o ponto de encontro era na rua São Mateus, presenciei vários jovens esconderem-se atrás dos carros estacionados no local, para não serem vistos por seus pais. Uns, porque não queriam ir embora e outros, por que haviam mentido a seus pais. Muitos pais não gostavam que seus filhos fossem ao local de encontro dos jovens.

A maioria dos jovens que freqüentavam o local de encontro, conforme descobri em nossas conversas, não trabalhava. Eles só estudavam e eram financeiramente dependentes de seus pais. Eles pertenciam aos vários segmentos de classe média da cidade de Juiz de Fora.

O que mais os aproximavam ou os distinguiam eram suas roupas. As moças e os rapazes vestiam-se invariavelmente, com *jeans*, camisetas coloridas e tênis em diferentes versões e cores. Algumas meninas "produziam-se" mais, demonstrando algum *status* pela qualidade e etiqueta da roupa. A roupa era um elemento diferenciador, mas apenas na aparência. Havia de tudo no local, desde roupas no estilo "*dark*", até as úlimas tendências da moda de consumo.

Certas características também eram usadas na demarcação de fronteiras do local de encontro da rua São Mateus, devido o local ser mais amplo. Havia, por exemplo, o bar da turma do *cheirinho*

da lolô[3] que ficava em uma das esquinas, os *darks* e os motoqueiros faziam seu ponto na rua Dr. Romualdo próximo à esquina com o trecho. Em um lugar qualquer do trecho podia-se encontrar - meninas aguardando rapazes para outros tipos de programa, longe dalí. Notava-se também a presença de outros jovens que não pertenciam ao lugar, mas vinham atraídos pelo movimento. Havia ainda, rapazes mais velhos entre 25 a 30 anos, que faziam ponto no lugar para convidar garotas para passeios de carro.

Dependendo das relações de amizade que existisse entre os jovens, parava-se e conversava-se em qualquer dos pontos no trecho. Assim as fronteiras serviam, apenas para localizá-los. Na *Murilândia* estas demarcações ficaram mais difíceis, porque o local já possuía uma boa freqüência de pessoas e aumentou, com o deslocamento de jovens, que passaram a fazer da *Murilândia* seu ponto de encontro. Os jovens ficavam mais próximos uns dos outros visto que o movimento nos finais-de-semana era intenso. Mas a separação entre eles continuou por relações de amizades ou proximidade social.

O novo local de encontro era, entretanto, mais fácil para as observações. Nas últimas vezes que lá estive consegui fazer várias entrevistas informais, durante as conversas que mantinha com as moças e rapazes amigos de Cláudia. Nestes momentos outros jovens se aproximavam e participavam, dando suas opiniões a respeito do assunto. Algumas conversas foram grava

---

(3) Cheirinho da lolô: conforme informação de Cláudia, era uma mistura feita para ser inalada como a antiga lança-perfume. Na sua composição entram: álcool, éter e azul de mitileno.

das, com o consentimento deles, quando terminávamos eles pediam para ouvir a gravação e davam outras opiniões à respeito.

Durante o período da pesquisa de campo que foi de fevereiro a dezembro de 1986, acompanhei os jovens em seus outros deslocamentos. Às vezes, começava-se a noite no ponto de encontro e dalí, ía-se para uma festa, ou outros locais na periferia da cidade, onde uma turma maior estivesse reunida. Participei com os jovens da festa das Nações, uma festa que acontece todos os anos em Juiz de Fora, em geral no mês de maio. Fomos juntos a uma festa junina, em um bairro da cidade, e a uma festa *dark* em uma danceteria. Foi através desses contatos direto com os jovens, que foi colhido o material para a pesquisa.

5.3 - Discussão e análise dos dados

Esta pesquisa foi trabalhada com o objetivo de analisar as formas de como o jovem lidava com o período intersticial da adolescência. Na medida em que ele participava do "local de encontro", evidenciou-se a necessidade que possuía de atualização de suas experiências. O local de encontro foi considerado o espaço aberto das manifestações da adolescência, como uma das múltiplas formas de se viver no período de interstício que separa os jovens da vida adulta em sociedades modernas e complexas.

Dada as características, anteriormente descritas da cidade de Juiz de Fora, sabia-se da existência de uma multiplicidade de valores sociais atuando em seu espaço urbano, razão porque resolveu-se delimitar o campo desta pesquisa, a partir de um local onde estas contradições estivessem presentes. Assim tornou-se possível analisar as estratégias contidas, no local de encontro, como contribuições para a re-significação na adolescência.

A população jovem objeto desta pesquisa freqüentava o local de encontro com uma certa regularidade. Não representavam, entretanto, a totalidade de visões de mundo dos jovens existentes na cidade na faixa etária de 14 à 18 anos. Mas era precisamente nesse local que se podia praticar algum tipo de sociabilidade. Era ali que se podia também atualizar experiências próprias aos jovens nesta faixa de idade, já que a cidade não apresenta grandes opções de lazer, entretenimento ou diversões. O local de encontro se tornava, sem dúvida, o melhor campo de pesquisa sobre a adolescência urbana.

A observação participante usada como método de pesquisa revelou-se de grande valor para a análise das expressões utilizadas pelos jovens neste universo, uma vez que podiam ser discutidas com eles. Deste modo era possível entender como os jovens construiam suas crenças e seus valores e como estes valores estavam representados naquele espaço.

A entrada no campo da pesquisa foi mediatizada por uma jovem de 14 anos. Ela possuía muitas amigas que como ela, freqüentavam regularmente o local de encontro. Foi este um dos motivos pelo qual a população feminina teve uma maior participação nos trabalhos de campo. Muitos rapazes, entretanto, participaram da pesquisa. Eles tomavam parte quase sempre das conversações, ocasiões em que muitas informações da visão masculina eram colhidas para a análise.

Assim os dados para a pesquisa eram retirados dessas conversações, que muitas vezes foram gravadas para facilitar sua compreensão já que podiam ser repetidas. Não foi possível o uso constante de gravação dos diálogos, visto que as situações eram quase sempre improvisadas. A conversação dependia muito da disposição dos jovens de falarem ou de responderem a perguntas. Era preciso que eles se sentissem bem à vontade, o que nem sempre ocorria. Nesse caso só restava observar e anotar, após o encontro, os acontecimentos daquela noite.

As espressões analisadas foram aquelas que mais apareceram nas conversas mantidas com os jovens. Elas surgiam em diferentes situações podendo variar de significado, de acordo com suas necessidades em expressar- sentimentos, desejos e formas de interação. Três dessas expressões foram selecionadas para a

análise. Pareciam estar carregadas de significados e eram muito usadas em diferentes situações e contextos.

"Queimar-filme", por exemplo, era uma expressão muito usada pelas moças, enquanto "azarar", ficar com, transar" usava-se indistintamente, assim como "quando a cabeça começa a funcionar", apareceu em diferentes ocasiões, as vezes com algumas variações, mas podendo ser englobada nesta mesma expressão.

O "*Queimar filme*" - foi um termo que chamou muita atenção. Logo de início, percebia-se que era usado a toda hora pelas moças. Não conseguia, contudo, entender o seu significado. Foi quando Cláudia esclareceu: "queimar filme" - significava estar fora da moda, ou dos modelos reproduzidos no local, como também significava estar fora de algumas regras do lugar. Entendia-se ser esta uma expressão relacionada tanto com as regras do local, quanto com as expressões e ritualizações do corpo. Eram exteriorizadas nas diferentes formas de lidar com o espaço de construção do corpo e com espaço de construção do local de encontro, correspondendo assim à necessidade de ordenar experiências desde as mais banais.

No ponto de encontro da rua S. Mateus, cada pedaço do trecho recebia uma demarcação. Eram códigos que serviam para identificaçar os jovens. Como a esquina do "cheirinho da lolô", (p. 103) o local das garotas "doidonas". Eram moças em estilo *dark* que permaneciam no local, aguardando algum programa fora dali, para "transar" ou "puxar fumo", descrição feita pela turma de Cláudia. Havia, ainda, o lugar dos motoqueiros, dos policiais e o local por onde podia-se circular, isto é, andar de um lado para o outro, sempre a procura de alguém. Estes per

cursores eram, em geral, feitos a pé ou de carro e, no máximo, duas vezes, para não se "queimar-filme"

Evidenciava-se, portanto, códigos que demarcavam todo o local de encontro. Eram, contudo, fronteiras permeáveis dada a flexibilidade e as inversões que tais períodos de interstício social possibilitam. A qualquer momento alguém poderia estar fora dos limites, isto é "queimando-filme", transgredindo as fronteiras. A polícia, sempre presente no local de encontro, parecia ressaltar a condição de limiaridade que a situação "anômica" dos jovens fazia ressaltar.

A conversação, entretanto, era mantida em qualquer situação, como uma necessidade de dar sentido as experiências que se vive no local de encontro. Assim, podia-se conversar com qualquer um, podendo ser "um *dark*", um "motoqueiro", um "puxador de fumo", um "policial", sem que isso consistisse em uma ameaça ou transgressão. As fronteiras equivaliam a um sistema de identificação valorativo entre os jovens. Os diferentes limites observados no local de encontro não significavam, portanto, fronteiras entre normas e desvios, mas sim uma pluralidade de valores e crenças atuando no mesmo espaço.

Na pluralidade que o espaço possuía, podia-se encontrar moças e rapazes em diferentes estilos. Eram várias as modalidades de aparência do corpo que apresentavam. Uma, mais bem produzidas que outras. Havia também, os gestos exclusivos das moças e rapazes, no estilo *dark*. A aparência e seus estilos serviam para identificar fronteiras no local.

As fronteiras, eram assim, formas de negociar a sociabilidade que, longe de separá-los, os aproximava. Aceitar a ne

cessidade de um limite, não significava excluir-se da experiência, das práticas rituais que o local proporcionava como forma de atualização de suas experiências. Essas experiências cristalizavam no jovem as coersões familiares e sociais que eram alí reproduzidas, para serem exorcizadas.

Os jovens reproduziam através da aparência de seus corpos os modelos de coersões sociais, ao mesmo tempo que os exercizavam. A aparência do corpo desempenhava, assim, um papel. Era através dela que cada jovem, nesse local, mostrava-se e demonstrava sua necessidade de limite, sem contudo, perder uma real inserção na sociabilidade, que o local de encontro proporcionava.

A ritualização do corpo valorizava a aparência e ao mesmo tempo escondia o medo que a falta de reconhecimento engendrava. A expressão queimar-filme reproduzia a necessidade de reconhecimento de si mesmo e de reconhecimento das regras que os próprios jovens impunham ao local. Podia-se percorrer todo o trecho, por exemplo, apenas duas ou três vezes e sempre a procura de alguém ausente, mais do que isto era queimar-filme.

Procurar o "ausente" dava a idéia de que faltava alguma coisa no lugar. Era o pretexto para se percorrer o espaço à procura de algo que se sabia de antemão ausente. Criar normas, delimitar espaços eram tentativas de se organizar o espaço intersticial da adolescência, vivido enquanto um período de ausência da vida social produtiva. As formas de como os jovens lidavam com o espaço revelavam a importância de se sentirem construindo o espaço próprio de suas vidas. Eram por isso formas repletas de significados. A sociabilidade que se instaurava

nos locais de encontro tinha por função explorar todas as potencialidades oferecidas pela vida, contudo na proteção de um lugar assumido e valorizado pelos próprios jovens.

Era constante entre a maior parte das moças, que frequentavam o local, a preocupação com a aparência das roupas, do aspecto físico do corpo e cabelos. - "Eu me produzi toda".- "Gastei muito tempo produzindo-me", eram termos bastante empregados nas conversas. O termo "produzir" significava elaborar uma identidade para apresentar-se no local. Produzir-se para não *queimar filme*. Implicavam em ser reconhecida tanto pelo elemento masculino quanto pelas outras moças.

Havia também, a necessidade das jovens serem identificadas com os papéis sociais que suas famílias desempenhavam. Em várias entrevistas notava-se esta preocupação. - "A gente se sente mal quando chega aqui desarrumada." - "Penso nas outras pessoas elas sempre falam, porque aqui você é sempre reconhecida como filha de seu pai." - "O que ocorre na sociedade ocorre aqui com a gente. Não se consegue mudar isso em Juiz de Fora, é diferente de uma cidade como o Rio de Janeiro."

Para as jovens a palavra "desarrumada" tinha um sentido próprio. Não queiram estar desarrumada perante os padrões que elas mesmas estabeleciam para o local de encontro, o que não significava, necessariamente, estar arrumada num sentido mais amplo. O produzir-se para ir ao local de encontro, significava fabricar uma identidade próxima as identificações com a família a que se pertencia. Estava implícito o medo do não reconhecimento.

Nem todas as jovens, entretanto, compartilhavam des sas identificações familiares. Em muitas, que circulavam pelo local, as roupas evidenciavam a ruptura com os padrões clássi cos e tradicionais estabelecidos por suas famílias. Esses con trastes eram facilmente percebidos no local. Eles eram eviden tes nos diálogos mantidos com as moças durante a pesquisa: - "Minha mãe, às vezes, diz que o cara é marginal. Para ela que viveu em outra época - marginal é coisa diferente. Se estou arrumada e o cara todo desarrumado, para ela é marginal, difi cilmente ela vai entender a coisa." A coisa que o adulto não podia entender era, exatamente, a pluralidade contrastante que coexistia no local de encontro.

Naquele espaço criado pelos jovens podia-se encenar vários filmes, sem que isso significasse queimá-los. Cláudia, que esteve sempre comigo durante a pesquisa mostrou essa pos- sibilidade: - "De repente a gente passa pela turma e para. Is to não quer dizer que fazemos as coisas que eles fazem. Não queimamos filme só por conversar com eles." A coexistência da pluralidade de visões - de - mundo do local servia como estímulo para que as jovens representassem seus papéis soci ais, testassem seus limites, sem que isso as impedisse de construir seus próprios sistemas de relações interpessoais.

A aparência produzida de muitas moças estabeleciam fronteiras que as identificavam com os papéis sociais de suas famílias, enquanto suas redes de relações interpessoais exten diam-se além dessas fronteiras. A necessidade que tinham de atualizar suas experiências interpessoais passava pela aproxi mação ou negociação com grupos de jovens dos quais não preci-

savam fazer parte. Em uma conversa sobre o uso da maconha esta questão foi levantada. Uma amiga de Cláudia afirmou: - "Ser moderninha, não é partir para a maconha. Não sou contra a maconha, me relaciono com maconheiro numa boa. Mas acho que não tem nada a ver comigo. Estraga o corpo da gente. Hoje, pode ser uma boa mas amanhã o que se vai fazer?" - Outra moça amiga de Cláudia acrescentou um aspecto interessante na questão da experiência interpessoal e a relação com o vício. - "Não preciso experimentar a maconha, mas tenho que conviver com ela, para ver o que ela faz as pessoas. Acho que a maconha é usada quando você começa a perceber que não tem nada para fazer e já está cansada de ir aos mesmos lugares de sempre."

Pelo depoimento das jovens percebe-se que o relacionamento interpessoal é uma experiência que só tem sentido à medida que os preconceitos e esteriótipos - tais como: - "moderninha, maconheiro e outros papéis sociais", não se interponham como barreiras à comunicação entre elas e os jovens pertencentes a esses grupos. A maconha, no caso em questão, pode identificar o sujeito pelo uso que faz da droga, mas não o exclui necessariamente, da sociabilidade presente no local de encontro. O jovem que faz uso da maconha, muitas vezes, possui outros tipos de ligações com as jovens que estão além do próprio esteriótipo.

As diferenciações simbólicas marcadas na aparência do corpo dos jovens, seus gestos e expressões possibilitam distinguí-los em divervas categorias sociais, mas essas diferenciações são fronteiras bastante flexíveis e não implicam nas formas de como os jovens desenvolvem sua rede de amizades. As

sim é que alguns rapazes presentes à conversa sobre o uso da maconha foram enfáticos ao afirmarem que - era muito difícil, para eles, participarem de um grupo e não fazerem as mesmas coisas que o grupo fazia. Eles tomavam parte de um grupo de maneira diferente das moças. Enquanto as moças entrevistadas, se aproximavam dos diversos grupos na tentativa de testarem suas próprias capacidades de conviver com o diferente "...eu tenho que conviver com ela (maconha), para ver o que ela faz as pessoas..."; para os rapazes a interação entre eles e os grupos deveria ser total. A pessoa se inclui no grupo e assume um papel ou se exclui da experiência. A experiência no grupo marca o sujeito e oculta as diferenças.

Houve também, uma apreciação da maconha, como ausência de sentido provocada pela falta de reconhecimento. Os jovens falavam de um vazio que o *"sem se ter nada para fazer"* produzia. A ausência de sentido podia ser observada nos próprios deslocamentos dos jovens. Certa vez, quando o local de encontro era ainda na rua São Mateus, Dinorah, amiga de Cláudia, manifestou seu aborrecimento questionando o porque dela ir sempre ao local, apesar de achá-lo sem graça e sabendo que lá, nada acontecia. - "Aqui é só olhar para as pessoas, conversar ou perguntar por alguém e esperar para ver se acontece alguma coisa interessante."

Ao viver intensamente os espaços intersticiais representados na adolescência pelos locais de encontro, os jovens se angustiam com a ausência de sentido, com a falta de reconhecimento. São sentimentos anômicos em desordem vividos como momentos irreais que colocam em risco a totalidade do ser enquan

to existência. As experiências vividas como banais ou sem graça permitem entrever os limites da existência finita. Este é o período do confronto do jovem com a finitude da vida. Daí a procura do ausente. O ausente é o que não faz sentido. Através das ritualizações de seu próprio corpo o jovem tenta resgatar seus limites, ao mesmo tempo em que esconde o medo que a ausência de sentido provoca.

No novo local de encontro, *Murilândia*, a proximidade entre os jovens era maior. Muitos rapazes, por aquela ocasião, já faziam parte do nosso grupo. Em uma conversa sobre o que eles achavam do novo local, um dos rapazes comentou: "...venho aqui porque ficar em casa não tem jeito, quando fico em casa estou sempre em meu quarto. Não tenho nada contra os meus pais, mas não sei o que conversar com eles. Não tenho *saco* prefiro sair e fazer algo diferente." Um outro rapaz acrescentou: - "Acho que a casa deveria ser como a rua. Aqui a gente é dono da gente mesmo." E um terceiro observou: - "A gente tem que viver a nossa vida, a gente tenta mas sempre *queima filme*".

A tensão entre a individualização e a busca da sociabilidade estava presente nos conflitos dos jovens. A maioria deles tentava encontrar naquele local um espaço onde fosse possível viver as contradições entre o grupo de jovens e a família, entre a casa e a rua e onde fosse também possível expressar seus anseios e temores. A profunda insatisfação percebida nessas conversas demonstrava a tentativa dos jovens de superar as rotinas do cotidiano e a vontade de descobrirem algo novo, diferente. Era preciso para eles viver de fato entre e na passagem da família para um espaço social maior, ali representado

como o espaço da rua. A harmonia entre a casa e a rua era o que eles buscavam como necessária para garantir a segurança e a estabilidade de suas vidas.A transformação do espaço entre a casa e a rua precisa ser sentida como algo significante. Na casa, entretanto, não se admitia contradições principalmente se elas não pudessem ser colocadas em ordem ou gradações. Daí a necessidade dos jovens pelo espaço aberto da rua, do que é público. Os códigos da rua demarcam mudanças de atitudes, gestos, rituais onde não se tem uma conduta única, mas comportamentos diferenciados. *Queima filme* ao se misturar o espaço da rua com o espaço da casa. Isto faz com que os jovens percebam a realidade sempre como parcial ou incompleta. Os códigos da família, da casa e os da rua são complementares. A casa não é como a rua, mesmo que os jovens desejem o contrário. Não há uma conduta única mas sim sistemas diferenciados.

"azarar" - "ficar com" e "transar"

Eram expressões que apontavam para os diferentes níveis de relacionamento entre moças e rapazes. No entanto não se constituíam como únicas formas de relações interpessoais. Nas entrevistas com os jovens, no local de encontro, foram dados os significados das três expressões:

Azarar - "é o antigo "paquerar" - "é a forma de se querer alguém, olhar e sorrir. e o outro corresponde a gente *fica com* ele (ou ela)".

O *ficar com* - era, portanto, uma conseqüência, bem sucedida do "azarar". Implicava contudo ir além da relação co

mo se observou na explicação dada por uma moça. "*Ficar com* é diferente, acho que não existia no tempo de meus pais, quando se fazia alguma coisa, *sei lá* era como o namorado firme, que já entrava em casa. O ficar com é uma experiência, a gente tenta alguma coisa, na hora dá vontade e a gente tem uma relação". Um outro rapaz observou - "*Ficar com* é sem compromissos, mas se for legal, se valer a pena a gente continua".

O ***transar*** é mais sério, mas assumido - "a gente sente que é um relacionamento mais adulto, quando a gente transa para valer com alguém".

Percebeu-se que essas expressões comportavam uma gradação em vários níveis, podendo ir desde um simples olhar, um sorriso até se cheger a relações sexuais constantes. De uma para outra situação relacional havia um interstício, um campo de relações indefinidas.

O ficar com - poderia ser também, estar com alguém durante uma festa, ou durante uma noite no local de encontro, e depois, não ter outras formas de relacionamento com a pessoa. Assim como transar podia indicar, também, as formas de relacionamentos que uma garota permitia que se tivesse com ela. Podia-se dizer a respeito de uma moça: "aquela transa com o primeiro que disser que a ama". "aquela só permite ficar com, ela não transa". Os rapazes entre 14 e 18 anos tinham menos experiências desse gênero, que as moças na mesma faixa. Elas, em geral só admitiam relacionamentos com rapazes acima dos 18 anos.

Estas três expressões, contudo, demonstravam como a

sexualidade era vivida no local de encontro, e como elas estabeleciam um código moral entre os jovens. Percebeu-se que o local de encontro - era o limiar da sexualidade, onde as transgressões se constituíam na saída de um rapaz e uma moça para transar em outros locais.

Poucas vezes, contudo, ficaram evidentes estas saídas. Falava-se mais de sexo do que se praticava, pois havia um forte sentimento de culpa e medo, se alguma coisa saísse errado, principalmente entre as moças, "se eu disser para minha mãe que estou grávida, não sei o que acontece, acho que eu ficaria arrependida".

Apesar de toda "modernidade", os códigos morais, ainda são vividos como culpa. É nesse sentido que a liberação sexual produz apenas um deslocamento da repressão. Quando alguma garota aparecia grávida, ela era desde logo discriminada pelas outras e, em geral, a garota não mais aparecia no local de encontro. A repressão era deslocada para a grávida. Era possível "transar", "ficar com", não se permitia, entretanto, engravidar. Pois, ressaltava o perigo que todas corriam.

Havia ainda, outras formas de relacionamento entre as moças e rapazes. "Você está com quem, agora?" - era uma expressão bastante usada. Era comum fazerem este tipo de pergunta, quando estavam interessadas no namorado de alguma amiga. Dependendo da relação de amizade que existisse entre as duas, não havia conflito quando o rapaz trocava de garota ou quando as garotas trocavam seus namorados. A amizade entre o mesmo sexo era as vezes mais importante do que a relação hete

rossexual. Esta situação aconteceu com Cláudia e sua melhor amiga, Carmem. O rapaz que Cláudia namorava, ficou com Carmem e as duas continuaram amigas. Ressaltou-se, neste caso, que as trocas são feitas sem mediações pelo outro, são indiferenciadas. Elas não implicam necessariamente em juízos de valor, pois não há dúvida que a amizade como, neste caso, era construída em outros domínios. As garotas e os rapazes, às vezes, se relacionavam desde o início de suas escolarizações, ou por proximidade de vizinhança, ou ainda porque as famílias a que pertenciam eram amigas. O namoro é, em geral, entre eles uma forma de relacionamento nova, mas que possibilita como no caso de Cláudia e Carmem, outras sensações. O namoro é um jogo sedutor, submetido à regra do grupo, regra que todos conhecem, partilham e, simbolicamente, exterminam. O namoro pode passar pelas mais banais conveniências narcísicas entre os jovens. O que nem sempre acontece com as relações de amizade que são mais fortes e duradouras.

"O quando a cabeça começa a funcionar"

Esta foi uma expressão que chamou atenção pela forma e ocasiões em que era citada, tanto pelas moças quanto pelos rapazes. Aparecia em contextos que tentavam ressaltar as diferenças, entre eles. Era uma forma de distinguir e identificar. Quando a cabeça começa a funcionar significava não ser mais criança. Percebeu-se, entretanto, que a expressão possuía outros significados, também relacionados com a questão da identidade individual. Em uma das conversas, certa vez, o assunto

surgiu - quando perguntei o que era ser *"adolescente"* - As respostas apesar de diferentes, possuíam um tom de desagrado. Cláudia afirmou: "adolescente é *"paia"* - O que provocou outra pergunta - *"paia"* é não ter nada a ver, quero dizer - adolescente é fuga para criar problemas, para chocar, fazer chantagem"- a seguir comentou - "Acho esta palavra vulgar, mas não tem outra".

Havia, em geral, uma aversão pela conotação dada a palavra. Percebia-se que *"adolescente"* tinha um significado diferente para eles. Era uma expressão que não se enquadrava nas suas percepções enquanto pessoa. Um dos rapazes mostrou esse mesmo sentido quando respondeu: "A gente quer enxergar o próprio caminho, não tem nada a ver com o adolescente de que "eles" falam". Ele não concordava com a opinião dos adultos a respeito da forma como designavam o jovem. Cláudia teve vontade de falar como se sentia - "Eu quero experimentar cada passo da minha vida. A vida é passageira, tudo passa, hoje estou aqui, mas amanhã vai ser outra, minha vida completamente diferente", e continuou" ...O que a gente precisa fazer é viver a vida e não só existir. A gente tem que viver, quebrar a cara, para a cabeça funcionar." Outra garota respondeu - "É importante você perceber, isso logo - é uma coisa de cabeça, se você não percebe não vai saber o que está acontecendo".

A expressão - "quando a cabeça começa a funcionar" - mostrava a preocupação do jovem com a construção de sua identidade. A palavra "adolescente" para eles significava o oposto, isto é uma não identidade, ou a negação de uma identidade. Enquanto, os adultos significativos, como demonstraram nas con

versas, os percebiam como adolescentes, significava que não eram reconhecidos como pessoa. Não possuíam um papel. Conforme Berger, afirmou: - "o desempenho humano de um papel depende sempre do reconhecimento dos outros. O indivíduo só pode se identificar com um papel na medida que os outros o identificaram com ele". O que o jovem procurava nos locais de encontro era viver estes papéis. "Viver a vida", tinha o sentido de passar pela experiência, provocar um desempenho, mesmo que para tanto se "quebrasse a cara". Em oposição do "*não existir*", que era não perceber, "quando a cabeça começava a funcionar". A ilusão do reconhecimento era o que os jovens buscavam no local de encontro. Ali eles precisavam passar pela desilusão que a falta de sentido do lugar deixava entrever. Só desde modo, passando pela experiência da desilusão é que a cabeça começava a funcionar.

Embora ser adolescente, era não possuir uma identidade socialmente definida, viver a adolescência na sociedade moderna, de acordo com os jovens entrevistados era viver um período de descontração. Afirmavam que este era um período que não precisavam trabalhar, tinham poucas responsabilidades e podiam, até mesmo, delas fugir.

Cláudia, a jovem que esteve sempre presente as entrevistas declarou que as vezes era preciso: criar problemas dar desculpas, chantagear os pais ou parentes para transgredir as regras familiares, mesmo quando tinham consciência de suas atitudes. E comentou "faço o que considero importante fazer, resolvi passar de ano, não porque fiquei de castigo, mas porque sabia que atrasaria um ano em minha vida." Pode-se perceber

pelo comentário de Cláudia que a adolescência na sociedade moderna é uma construção ideológica. A escolarização, para muitos segmentos de classe média, é uma das condições impostas pelos adultos significativos para que o jovem obtenha um reconhecimento, um novo *status*. Ao valorizar o saber, o conhecimento, mesmo que aparente, os jovens contribuem para a valorização de si mesmos. Por outro lado, a negação do castigo enquanto forma de coersão resgatava o sentido, de se perceberem como construtores de seus próprios mundos.

CONCLUSÕES

Procurou-se nesta pesquisa analisar a adolescência dentro de uma perspectiva mais abrangente, onde fosse possível desmistificar certos conceitos e suposições a respeito do tema, que, não só o senso comum como alguns textos científicos, ainda apresentam.

Contudo, não se pretendeu aqui, esgotar todas as possibilidades que o assunto comportava, mas buscou-se abrir espaços para reflexões mais relativizantes capazes de levar ao entendimento da adolescência não como uma categoria de análise isolada, mas como parte ou parcela de um contexto onde outras ciências também atuam.

Ao ressaltar a adolescência enquanto um período de interstício social por excelência, empreendeu-se uma trajetória que delineou os contornos da sociedade moderna, a partir das transformações que foram introduzidas na sociedade, com a revolução industrial dos séculos XVII e XVIII.

Dentro de uma dimensão histórica evidenciou-se que a ascensão da burguesia enquanto classe dominante do poder, possibilitou modificações profundas na estrutura social. A antiga sociabilidade foi substituída por ideais cada vez mais individualizantes, gerando profundas mudanças nas formas de relacionamentos interpessoais.

A família ganhou novo *status*, no panorama social. Por não possuir linhagem a burguesia fortaleceu o domínio familiar, privatizando-o e despertando o sentimento pela infância e juventude.

A escolarização prolongada e a nuclearização da família retirou a criança e o jovem do convívio social, provocando uma ruptura nos moldes tradicionais da vida social. A criança e o jovem foram, assim, afastados da vida pública, do espaço aberto a sociabilidade.

O avanço tecnológico produzido pela revolução industrial, possibilitou o surgimento das grandes cidades, e a concentração maior de pessoas no espaço urbano, à procura de melhores condições de vida, nas cidades industrializadas. Entretanto, várias esferas da estrutura social fragmentaram-se, face as mudanças aceleradas do espaço urbano. A nuclearização da família, a divisão social do trabalho e a heterogeneidade cultural, possibilitaram o surgimento de novas formas sociais enquanto mecanismos controladores das mudanças que se processaram nestes domínios.

É nesta dimensão histórica que a adolescência pode ser entendida enquanto um período de interstício social, por excelência. A passagem da vida infantil para a vida adulta, na sociedade moderna, devida a sua complexidade, permitiu o surgimento desses períodos transitórios. Por não ter uma função na sociedade, o jovem dos segmentos de classe média, são lançados no espaço da limiaridade, que constituem os períodos intersticiais, nos limites da ordem de classificação simbólica , em uma manifestação intensa pela vida.

Foi o espaço do presente vivido como um limite de ordem, isto é, como desordem ou anomia, que esta pesquisa tentou pontuar.

A pesquisa de campo teve por objetivo, analisar como o jovem vive o período intersticial de sua adolescência na sociedade. Por isso foi escolhida uma cidade urbana para a pesquisa. A cidade de Juiz de Fora possúia as características fundamentais que se queria ressaltar visto que as transformações sociais podiam ser observadas e particularizadas tanto pelos aspectos modernos que apresentava, quanto pelos modelos tradicionais que ainda podiam ser notados no estilo de vida da cidade.

O espaço aberto das manifestações dos jovens foi o local escolhido para a pesquisa de campo, onde foi possível observar como as expressões dos jovens levavam à uma compreensão de como eles organizavam as suas relações com o espaço de seu corpo e espaço do mundo social.

Esta foi a dimensão que se procurou evidenciar. Como o espaço das manifestações de suas expressões, da aparência de seu corpo, dos rituais de seus movimentos, de suas roupas, na forma da construção de suas relações sociais, da sua sexualidade contribuía para a construção de sua identidade.

Este espaço era também o espaço da comunicação, da sociabilidade, onde vários códigos simbólicos atuavam, onde vários sistemas de valores podiam ser encontrados.

Percebeu-se na pesquisa de campo, que apesar das idéias individualizantes permearem estes espaços, onde a cultura da aparência, reproduz modelos e simulacros, de comportamentos universalizantes existiam, contudo, mecanismos controla

dores sociais que os próprios jovens assumem nesses espaços e que são capazes de orientá-los na recriação de regras específicas em suas relações sociais. São essas regras que lhes dão a segurança necessária para a expressão de suas emoções.

A adolescência não se configurou, assim, como um período de crise e conflitos individuais, mas como a forma alternativa de vida em sociedades complexas, onde o progresso e a produtividade são ainda, julgados como imperativos nas identificações sociais.

Percebeu-se nesta pesquisa que a re-segnificação na adolescência é produzida em um espaço intersticial, no espaço da limiaridade e em um tempo de vida onde seus elementos, tais como - os locais de encontro, os atos e expressões dos jovens, suas roupas, suas formas de comunicação são consideradas sem importância pela sociedade adulta. Mas é através desses elementos que os jovens demonstram um querer viver irreprimível. Esses elementos não deixam de possuir um sentido, mesmo que as diferentes máscaras assumidas pelos jovens na adolescência se esgotem no próprio ato de vivê-las. É ao viver essas experiências que os jovens podem sentir que "suas cabeças começam a mudar". É partindo da sociabilidade adquirida com suas personas e máscaras que os lançam em diferentes possibilidades de construírem suas próprias identidades.

É nesse sentido que a psicologia precisa viver seus conceitos e pressupostos, relativizando-os. Só assim será possível analisar a adolescência em suas diferentes modalidades e em um tempo e espaço onde os jovens vivem e confrontam suas

emoções com a *construção imaginária da adolescência* que a sociedade moderna e complexa acabou por produzir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. e KNOBEL, M. La Adolescência Normal. Buenos Aires, Paidos, 1974.

- ARENDT, H. A Condição Humana. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1983.

- ARIÉS, P. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

- AUGRAS, M. "A Psicologia da Cultura", in: Psicologia Teoria e Pesquisa. Revista do Departamento de Psicologia da UNB, volume 1, nº 2, 1985, pp. 99-109.

- AZEVEDO, T. de As Regras do Namoro à Antiga. São Paulo, Ática, 1986.

- BENEDICT, R. "Continuities and Discontinuities in Cultural Conditioning", In: Mead e M. Wolfenstein, Childhood in Contemporary Cultures. Chicago, University of Chicago, Press, 1954.

- BERGER, P.L. e LUCKMANN, T. A Construção Social da Realidade. Petrópolis, Vozes, 1978.

- BERGER, P. L. O Dossel Sagrado - Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo, Edições Paulinas, 1985.

- BLOS, P. Psicanálises de la Adolescencia. Mexico, Joaquim Mortiz, 1969.

- BOLTANSKY, L. As Classes Sociais e o Corpo. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

- CAIAFA, J. Movimento Punk na Cidade, A Invasão dos Bandos Sub. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

- DAMATTA, R. Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social. Petrópolis, Vozes, 1981.

- ——. A Casa e a Rua. São Paulo, Brasiliense, 1985.

- DUARTE, L. F. & DANIELA, R. "Considerações Teóricas sobre a Questão do "Atendimento Psicológico" às Classes Trabalhadoras, In: Cultura da Psicanálise. São Paulo, Brasiliense, 1985, pp. 178-201.

- DUARTE, L.F.D. Da Vida Nervosa, nas classes trabalhadoras urbanas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

- DUMONT, L. Homo Hierarchicus. Paris, Gallimard, 1966.

- ——. Homo Aequalis, Paris, Gallimard, 1970.

- DURKHEIM, E. De la Division du Trabail social; 5ª ed. Paris, Alex Alcan, 1926.

- ——. Sociologia y Filosofia, Buenos Aires, G. Kraft,1951.

- ——. Le Suicide, Paris, PUF, 1973.

- DUVIGNAUD, J. Festas e Civilizações. Fortaleza, Tempo Brasileiro, 1983.

- ERICKSON, E.H. Identidade, Juventude e Crise. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

- FIGUEIRA, S.A. "Notas Introdutórias ao Estudo das Terapeuticas I: Lé-Strauss e Peter Berger", In: Sociedade e Doença Mental. Rio de Janeiro, Campus, 1978, pp. 47-85.

- ——. "Modernização da Família e Desorientação: uma das raízes do psicologismo no Brasil", In: Cultura da Psicanálise. São Paulo, Brasiliense, 1985, pp. 142-146.

- FLITNER, A. Os Problemas Sociológicos nas Primeiras Pesquisas sobre a Juventude. In: Sociologia da Juventude, I, Rio de Janeiro, Zahar, 1968, pp. 37-67.

- FOUCAULT, M. História da Sexualidade I - Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

- FREUD, A. The Ego and the Mechanism of Defense. New York, International Universities Press, 1948.

- FREUD, S. [1905] Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, VII. Rio de Janeiro, Imago, 1972, pp. 123-250.

- GALLATIN, J. Adolescência e Individualidade. São Paulo, Harbra, 1978.

- GASPAR, M.D. Garotas de Programa - Prostituição em Copacabana e Identidade Social. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

- GEERTZ, . A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

- GENNEP, A.V. [1908] Os Ritos de Passagem. Petrópolis, Vozes, 1978.

- GRINBERG, L. e R. Identidad y Cambio. Buenos Aires, Paidós, 1976.

- GROISMAN, M. Adolescência e Saúde Mental. Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.

- HALL, G.S. Adolescence. Volumes I-II. New York, Appleton, 1904.

- HEILBORN, M.L. Conversa de Portão: Juventude e Sociabilidade em um Subúrbio Carioca. Rio de Janeiro, PPGAS/MN/UFRJ, (Dissertação de Mestrado), 1984.

- HOLLANDA, A.B. Dicionário Brasileiro da Lingua Portuguesa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.

- HORROCKS, J.E. What is Adolescence? New York. Education, 76, 1955. pp. 218-221.

- KALINA, E. Psicoterapia de Adolescentes. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1979.

- KUSNETZOFF, J.C. Psicanálise e Psicoterapia Breve na Adolescência. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

- MAFFESOLI, M. A Conquista do Presente. Rio de Janeiro, Rocco. 1984.

- MAFFESOLI, M. A Sombra de Dionísio. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

- MANNHEIM, K. O Problema da Juventude na Sociedade Moderna, In: Sociologia da Juventude I. Rio de Janeiro, Zahar, 1967. pp. 69-94.

- MAUSS, M. Sociologia e Antropologia I. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.

- MEAD, M. [1919] Male and Female, a study of the sexes in a champing world, New York, W. Morrow, 1953.

- ——. [1928] Coming of Age in Samoa, A Study of adolescence and sex in primitivy societies, Harmonds worth, Penguin Books, 1963.

- ——. [1936] Growing up in New Guinea, New York American Lybrary, 1959.

- MERLEAU, P.M. Fenomenologia da Percepção. Rio de Janeiro, Bastos, 1971.

- MUSS, R. Teorias da Adolescência. Belo Horizonte, Interlivros, 1976.

- NICOLACI-DA-COSTA, M.A. "Mal-estar da família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. In: Cultura da Psicanálise. São Paulo, Brasiliense, 1985. pp. 147-168.

- PARK, R.E. "A Cidade: - Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Ambiente. In: Velho, O. O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

- PIÉRON, H. Dicionário de Psicologia. Porto Alegre, Globo, 1979.

- PITT-RIVERS, J. "Honra e Posição Social", In: Peristiany,J., Honra e Vergonha: Valores das Sociedades Mediterrânicas. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

- RANK, O. Will Therapy and Truth and Reality. New York, knopf. 1945.

- RODRIGUES, J.C. Tabú do Corpo. Rio de Janeiro, Achiamé,1093.

- ROUSSEAU, J.J. [1792] "Emile", In: Flitner, A. Os Problemas Sociológicos nas Primeiras Pesquisas sobre a Juventude. Sociologia da Juventude I, Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

- SAGGESSE, E.G. Adolescência: As Ideologias das Teorias. Rio de Janeiro, PPGP/IPM-UFRG. (Dissertação de Mestrado), 1983.

- SCHILDER, P. A Imagem do Corpo - As Energias Construtivas da Psique. São Paulo, Martins Fonseca, 1981.

- SEEGER, A. et al. "A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras". Boletim do Museu Nacional, 32:1979. pp. 2-19.

- SIGELMANN, E. Anomia e Desorganização - Um Estudo Psicológico em Contexto Brasileiro. Rio de Janeiro, ISOP/FGV.(Tese de Doutorado), 1982.

- SIMMEL, G. [1950]"A Metrópole e a Vida Mental". In: Velho O. O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

- SODRÉ, M. A Máquina de Narciso - Televisão, Indivíduo e Poder no Brasil. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.

- SULLIVAN, H.S. La Teoria Interpessoal de la Psiquiatria.Buenos Aires, Psique, 1974.

- TONIOLO, R.M. O Espaço deste Tempo: Uma Leitura da Intimidade do Adolescente - PPGP/PUC - Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado, 1980.

- TURNER, V. [1966] O Processo Ritual. Petrópolis, Vozes, 1974.

- VELHO, G. "Duas Categorias de Acusação na Cultura Brasileira Contemporânea. In: Sociedade e Doença Mental. Rio de Janeiro, Campus, 1978.

- ——. Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar 1981.

- ——. Subjetividade e Sociedade - Uma Experiência de Geração, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

- VIVEIROS DE CASTRO. /. "A Fabricação do Corpo na Sociedade Xinguana". Boletim do Museu Nacional, 32. 1979, pp. 40-49.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ fazendo parte da banca examinadora, as seguintes professoras:

Maria Helena Novaes Mira
PUC/RJ

Monique Rose Aimée Augras
PUC/RJ

Sandra Maria DaMata Azeredo
PUC/RJ

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, março de 1987

p/ VERA MARIA FERRÃO CANDAU
Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação - Centro de Teologia e Ciências Humanas.